

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

Marcelo Alexandre de Azevedo

AS POLÍTICAS CULTURAIS NO ARROIO KRUSE:
construindo caminhos para a emancipação das classes populares

Porto Alegre

2011

Marcelo Alexandre de Azevedo

AS POLÍTICAS CULTURAIS NO ARROIO KRUSE:
construindo caminhos para a emancipação das classes populares

Projeto de Dissertação como requisito parcial
á obtenção do grau de Mestre, no curso de
Pós-Graduação em Educação, linha de
pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e
Educação na Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Jaime José Zitkoski

Porto Alegre

2011

CIP - Catalogação na Publicação

Alexandre de Azevedo, Marcelo
AS POLÍTICAS CULTURAIS NO ARROIO KRUSE:
construindo caminhos para a emancipação das classes
populares / Marcelo Alexandre de Azevedo. -- 2011.
107 f.

Orientador: Jaime José Zitkoski.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. Políticas Culturais no Arroio Kruse. 2.
Emancipação . 3. Classes Populares. I. José Zitkoski,
Jaime, orient. II. Título.

Dedico esta pesquisa a minha companheira de luta e esposa Andréa, ao meu querido filho Mathias, aos meus pais, Danúbio e Odete que deixaram um legado de honradez e bons exemplos para mim. Não queria deixar de citar minha dedicação também às lutas de nosso povo e às marchas de nossos valorosos movimentos, sempre vivos, críticos e animadores em tempos de desilusões e desencantos.

AGRADECIMENTOS

Teria muitos agradecimentos a serem feitos, pois considero minha caminhada pessoal permeada de acontecimentos auspiciosos. Parafraseando com o Sidarta Gautama as pessoas vem e vão em nossas vidas, e cada vez mais me sinto um pouco de cada uma delas, rica existência...

Quero agradecer ao apoio incondicional de amigos, parentes e principalmente de minha amiga e esposa Andréa, sempre atenta e me confortando nas dificuldades, ao meu filho Mathias, agradeço seu olhar de menino doce e compassivo. Aos meus pais e irmãos minha gratidão eterna,

Não poderia deixar de citar meu orientador o Jaime Zitkoski, educador atento, sintonizado com a pauta progressista de nossa sociedade e que sempre sabe acolher a todo(a)s humanamente. À minha banca fica meu agradecimento pelo aceite do convite.

RESUMO

Resumo: com esta pesquisa, proponho um estudo sobre as ações desenvolvidas pela Secretaria de Cultura de São Leopoldo, via o CAMP – Centro de Assessoria Multi Profissional, voltadas para o PAC – Programa de Aceleração do Crescimento, uma ação inter-secretarial de esfera governamental voltada para a comunidade do Arroio Kruse, localizada nas regiões Leste/Sudeste da cidade de São Leopoldo-RS. Por se tratar de uma ação que busca o diálogo com o campo popular, pretende-se identificar o quanto a mesma dialoga com as categorias de *Revolução Cultural* (Paulo Freire), e *Exterioridade* (Enrique Dussel). O compromisso frente a estas categorias tratadas pelos diferentes autores, podem nos apontar a intensidade do compromisso do poder público e de sua responsabilidade em envolver a comunidade em uma proposta emancipatória, participativa e estimuladora da auto-organização via a Economia da Cultura.

Palavras-Chave: Políticas Culturais. Emancipação. Classes populares. Revolução cultural e exterioridade.

RESUMO

Resumo: En *Las Políticas Culturales en El arroyo Kruse: Construyendo Caminos para la Emancipación de las Classes Populares*, Propongo un estudio sobre las acciones desarrolladas por la Secretaria de Cultura de San Leopoldo, via el CAMP – Centro de Assessoria Multi Profissional, voltadas para el PAC – Programa de Aceleracion del Crescimiento, una acción inter-secretarial de esfera gubernamental volvida por la comunidad del Arroyo Kruse, localizada en las regiones Este/Sudeste de la ciudad de San Leopoldo-RS. Por se tratar de una acción que busca el diálogo con el campo popular, considera-se identificar cuánto la misma dialoga con las categorías de *Revolución Cultural* (Paulo Freire), e *Exterioridade* (Enrique Dussel). El compromiso frente a estas categorías tratadas por los diferentes autores, podrán nos apuntar la intensidad del compromiso del poder público e de su responsabilidad en envolver la comunidad en una propuesta emancipatória, participativa e estimuladora de la auto-organización via la Economía de la Cultura.

Palabras-llave: Políticas Culturales, Emancipación, Classes Populares, Revolución Cultural e Exterioridad.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Minha história pessoal.....	9
1.2 Estruturando a Pesquisa	12
2 SAO LEOPOLDO COMO BERCO DA COLONIZACAO ALEMA: COLONIZADORES, INDIGENAS E NEGROS	15
2.1 A imigração germânica, sua relação com a floresta sub-tropical e os impactos culturais	18
2.2 A colonização e seu contato com os indígenas.....	2
2.3 A forte presença do negro e sua relação com a imigração alemã.....	22
2.4 A consolidação da Cidade de São Leopoldo e sua relação com as identidades diversas.	24
2.5 Elementos de uma identidade plural na construção leopoldense.....	28
2.6 São Leopoldo e os avanços políticos institucionais	29
3 ANÁLISE DAS POLÍTICAS CULTURAIS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO LEOPOLDO: O PAPEL DA DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA	32
3.1 Projetos da SMC – Secretaria Municipal de Cultura	32
3.2 Como Objetivos específicos, o mesmo texto apresenta	33
3.3 Constituição das Comissões de Cultura	37
3.4 As ações Culturais do Arroio Kruse	38
3.5 O Conexão de Rua dialogando com a cultural local	44
4 O CONCEITO DE REVOLUÇÃO CULTURAL E AS PERSPECTIVAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EMANCIPATÓRIAS – DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E ENRIQUE DUSSEL.....	46

4.1 Pressupostos iniciais para uma Revolução Cultural: O reconhecimento do processo de mistificação das massas	488
4.2 A dialética, Antidialogicidade e dialogicidade, desafios da práxis emancipadora	50
4.3 O mundo da produção humana e as contradições a serem superadas	52
4.4 Desafios possíveis para uma cultura libertadora.....	54
4.5 A cultura popular como instrumento de emancipação: O horizonte das políticas públicas emancipatórias.....	56
4.6 Conclusões sobre os autores	63
5 O DESAFIO DE INTERPRETAR O MUNDO VIVIDO DA COMUNIDADE DO ARROIO KRUSE EM SÃO LEOPOLDO.....	65
5.1 A inserção no campo empírico: os movimentos para coletar os dados	69
5.2 Os eixos geradores: significando as falas.....	75
5.3 Participação Popular	76
5.4 Auto-organização.....	82
5.5 Economia da Cultura	87
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	97

ANEXOS E IMAGENS

Termo de consentimento livre e esclarecido.....	100
Base de dados do(a)s entrevistado(a)s.....	101
Questionário da entrevista.....	102
Mapa das regiões do Orçamento Participativo.....	103
Cronograma Preliminar.....	104
Recorte de mostra das ações culturais da Descentralização da Cultura.....	105
Convite da oficina sobre a pesquisa no Fórum Social Mundial em 2010.....	106

1 INTRODUÇÃO

1.1 Minha história pessoal

Sou filho de um casal de trabalhadores, devotado à formação de uma família, baseada em valores, construídos com forte influência cultural no Brasil de 70. Meus pais, trabalhadores devotos, mesmo com baixa escolaridade, nos legaram uma boa herança de vida alicerçada na luta pelo pão buscado de maneira honesta, onde as relações pessoais, familiares e em sociedade deviam ser tratadas respeitosamente, com lealdade e buscando justiça em tudo que nos era possível identificar no campo valorativo da justiça.

Tenho uma infância e adolescência tranquilas, vividos sempre em contato com diferentes culturas, pois a partir da profissão de meu pai, profissional da área da construção civil, vivíamos passando por estados diferentes, SC, PR, MG, BA, PE, e também por países como Angola na África, Venezuela e uma breve passagem pela Colômbia, experiências estas que marcaram minha subjetividade de maneira positiva, me legando uma formação inter-racial, étnica e multicultural.

Passado este período, entrando na juventude, próximo do início da década de 90 em contato com o chão de fábrica do III Pólo Petroquímico, e me aproximando do movimento comunitário em minha comunidade, Montenegro no RS, percebo a partir dos relatos de companheiro(a)s de trabalho, assim como daqueles que participavam das inúmeras greves marcantes na vida de milhares de trabalhadora(a)s na década de 80 o valor e o significado de uma palavra que surgia em nossas rotinas marcadas pela chamada “reestruturação” do mundo do trabalho, tida como “necessária”.

Militei praticamente 18 (dezoito) anos no movimento comunitário, estabelecendo relações com minha realidade marcada pelo necessário rigor da luta e organização das reivindicações presentes nas falas de moradora(a)s recortadas por uma ausência quase que completa de políticas públicas efetivas na vida das comunidades.

Em 1993 ingressei na graduação de Filosofia na UNISINOS – Universidade do Rio dos Sinos, percebendo ser a educação, o espaço por excelência subversivo, e propício a uma tomada

de consciência que podia cada vez mais estar a serviço de um projeto de sociedade para o(a)s trabalhadore(a)s pois, em minha militância social paralela com meus estudos acadêmicos, presencio a necessidade de uma reflexão que desse conta de uma práxis libertadora, comprometida com uma visão de mundo, onde não haveriam explorados e exploradores.

Em 2003, fundamos na cidade de Montenegro, uma organização-não-governamental, após uns bons anos voltados para a atuação em entidades não-governamentais, chamada Instituto Cidadania 15 de Outubro. Fizemos no período de 07 (sete) anos de atuação, nesta organização, uma escolha pela atuação no campo da Educação Popular, com destaque para as questões de diversidade cultural (conforme imagens abaixo). Nem sempre nossos caminhos são aqueles que efetivamente buscamos, pois em um 1º momento no horizonte de educadores populares, lideranças, professores não tínhamos como certa a possibilidade que mais tarde tornou-se uma orientação coletiva, a de atuar com o tema da diversidade cultural de comunidades afro-brasileiras.



***Educadores Luciana Rodrigues e **Márcio Andre Barreto com as crianças e adolescentes na oficina de música**

*** Graduada em Licenciatura em Música- UERGS/FUNDARTE - Montenegro**

**** Estudante do curso de Licenciatura em Artes Cênicas (Teatro) UERGS/FUNDARTE - Montenegro**

Em 2007 iniciei uma experiência de 02 (dois) anos junto a Secretaria de Cultura da Cidade de São Leopoldo, onde atuava na organização comunitária tendo em vista as questões transversais com o tema da cultura. Neste período pude estabelecer uma boa relação com o tema da diversidade cultural. Foram realizadas atividades, projetos, encontros regionais, via Comissões Regionais de Cultura¹, onde na condição de ativista comunitário, tinha a tarefa da organização comunitária para inserir lideranças regionais em um debate que parecia às vezes distante da realidade das comunidades que lutavam historicamente por reivindicações materiais, tais como melhoria das ruas, esgotos e da infra-estrutura em geral, acesso a moradia, ensino de qualidade, entre outros.

Em 2009, ingressei no mestrado em Educação do PPG em Educação da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), com este atual projeto de pesquisa orientado pelo professor Dr. Jaime José Zitkoski, buscando analisar as iniciativas no campo da arte-educação desenvolvidas pela Secretaria Municipal da Cultura, a partir do CAMP – Centro de Assessoria Multi-Profissional, e conhecer os impactos que esta ação tem sobre a comunidade, a partir de uma leitura das categorias *Revolução Cultural e Exterioridade*, que aparecem respectivamente nas obras de Paulo Freire, e Enrique Dussel. Minha pretensão é também ver a relação existente entre sujeitos atendidos pela política municipal, sua inclusão neste processo, e como aparece o conceito de Economia da Cultura no dia-a-dia das atividades.

Nesta minha inserção acadêmica em um tema que busca retratar aspectos organizativos das camadas populares, tenho me preocupado com questões diversas, sobre as quais meus estudos afirmam a necessidade, não somente de uma nova ordem de ajustamento institucional representativo, mas, também, que este desafio histórico dialogue com a materialidade da vida humana, expressa no universo das ciências, das artes, religião, cultura, ou se preferirmos em todo saber humano construído a luz das contradições de uma sociedade marcada por processos de exclusão sociais que dependem tanto de uma análise econômica, quanto política de seu funcionamento.

¹ Estas Comissões foram criadas a partir da necessidade de trazer para o debate das políticas públicas na área da cultura as ONGs, sindicatos, associações de moradores, etc. Nestes encontros promovíamos debates sobre o calendário de eventos da comunidade, projetos e suas necessidades de aporte tanto do poder público como da sociedade civil organizada, assim como a busca de uma organização mais engajada

1.2 Estruturando a Pesquisa

As ações do PAC incluem em processos como o já citado, a noção de projetos técnico-sociais, com recorte transversal nas políticas públicas, assim tanto as ações de perfil mais técnico como urbanização, construção de moradias populares. São associadas a ações sociais diversas aquelas que incluem qualificação profissional, oficinas de arte-educação conscientização ambiental, etc.

Uma das críticas sofridas pelo programa, diz respeito ao fato do mesmo ser considerado desenvolvimentista², ao mesmo tempo em que não articula as questões locais e o tema do empoderamento dos setores populares, fato este que pode ser aferido em última instância no sentido concreto que a experiência exerce nas vidas das pessoas beneficiárias da ação.

Desenvolvendo o texto, sistematizei a pesquisa, a partir das seguintes questões:

1ª História da colonização alemã, indígena e negra da cidade de São Leopoldo, 2ª O papel das políticas de Descentralização da Cultura e as ações culturais do Arroio Kruse, desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Cultura de São Leopoldo, 3ª Os marcos teóricos nos quais apoiei a análise do caso e por último a 4ª questão que diz respeito as estratégias metodológicas da pesquisa e as considerações finais sobre a mesma.

No capítulo de nº 1 *São Leopoldo como Berço da Colonização Alemã: colonizadores, indígenas e negros*, procuro delinear aspectos fundantes do processo colonizatório alemão ocorrido em 1824, seus reflexos sobre as questões ambientais, sociais e culturais de âmbito das relações construídas com os indígenas já existentes na cidade de São Leopoldo, e na seqüência, a

e consciente dos sujeitos da sociedade civil nos espaços de deliberação das políticas públicas da cidade, como por exemplo os conselhos municipais, Orçamento Participativo, Congresso da Cidade, etc.

² Termo associado às políticas do desenvolvimentismo surgido principalmente nos governos a partir do ano de 1950, com a presidência de Getúlio Vargas, geralmente associados a uma noção de estado permeado por um conteúdo marcado pelo forte ascenso do papel das indústrias de diferentes setores, enquanto mola propulsora do desenvolvimento. Este modelo em algumas críticas, foi condenado pelo fato de submeter a noção de desenvolvimento social a um caráter populista, sem preocupações maiores com

chegada do povo negro, e de como estes fluxos migratórios se deram, seus impactos culturais e reflexos para a construção da identidade do povo leopoldense.

No capítulo 2 *Análise das políticas culturais da Secretaria Municipal de Cultura de São Leopoldo: O papel da Descentralização da Cultura*, fazemos um levantamento das ações de *Descentralização da Cultura* desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Cultura de São Leopoldo, como estas se articulam com as questões, do acesso e fruição dos bens artísticos e culturais produzidos em diferentes contextos regionais da cidade. As ações culturais do arroio Kruse, ganham um espaço especial no sub-capítulo intitulado *As ações culturais do Arroio Kruse*, no qual o papel de execução desta ação transversal de governo, a partir do CAMP e o *Conexão de Rua* caracterizam esta intervenção junto aos setores populares às margens do arroio.

O capítulo 3 *O conceito de Revolução Cultural e as perspectivas de Políticas Públicas Emancipatórias – Diálogos entre Paulo Freire e Enrique Dussel*, aponto para a dimensão emancipadora contida em ambas as teorias de Freire e Dussel, quando colocadas a partir da análise das categorias *Revolução Cultural* e *Exterioridade*. As contribuições dos autores nos trazem elementos de busca de emancipação dos sujeitos a partir de experiências no campo da educação e das práticas sociais vinculadas com um conteúdo posto a serviço dos oprimidos. Este conteúdo na relação com os setores populares que tem negada sua identidade, a partir de uma noção desqualificada, principalmente, sobre o papel das massas acerca dos processos de desenvolvimento das sociedades na dimensão emancipatória dos sujeitos, em contraponto a visão opressora que coloca seus conteúdos de maneira acrítica, utilizando-se de instrumentos de cooptação e de negação do exercício pleno da cidadania.

Finalizo minha pesquisa, no capítulo 4 de título *O desafio de interpretar o mundo vivido da comunidade do arroio Kruse em São Leopoldo*, colocando as questões centrais que orientaram meu método de pesquisa, a partir do qual utilizei-me principalmente dos conteúdos trabalhados pelas falas dos entrevistados, pessoas representativas da comunidade e gestores ligados as ações específicas do projeto. As vivências do ato de pesquisar são formadas a partir de um sentido estruturante sobre o passado enquanto elemento constitutivo das questões históricas e do patrimônio imaterial de um conjunto de moradores, para os quais as questões estéticas e

questões ambientais e de formação dos sujeitos em uma dinâmica societária inclusiva de valores humanos

simbólicas estavam ligadas intimamente a um conjunto de valores para a cidadania, pois desde o processo inicial de ocupação às margens do arroio, até o marco da ocupação da nova área de moradia, remetem a um necessário repensar as práticas públicas na área da cultura a partir destas questões.

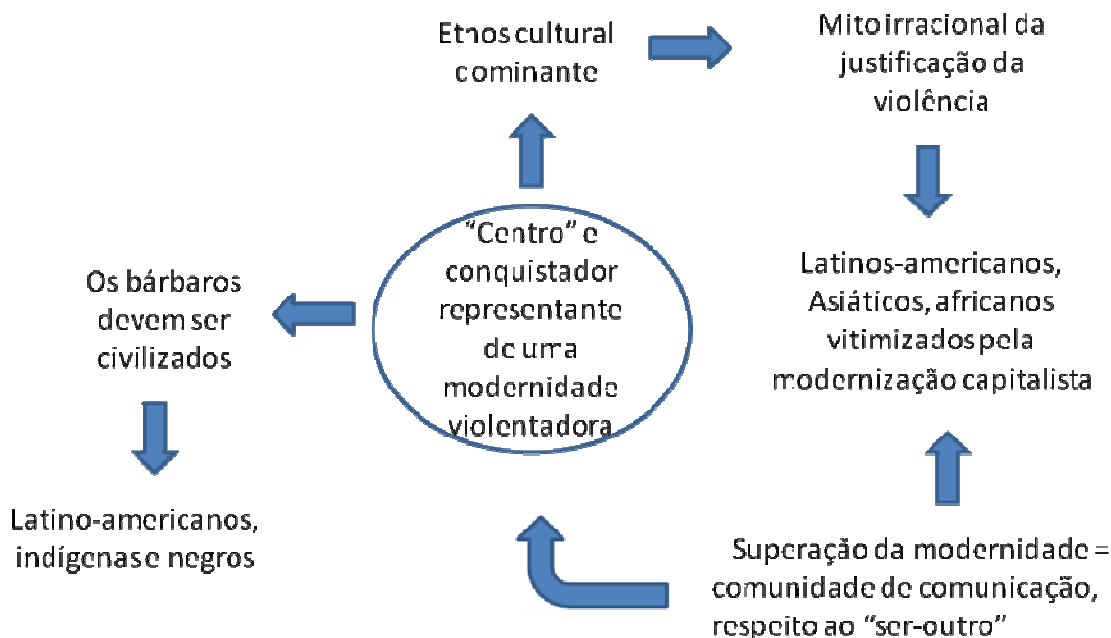
2 SAO LEOPOLDO COMO BERCO DA COLONIZACAO ALEMA: COLONIZADORES, INDIGENAS E NEGROS



Casa da Feitoria do Linho-Cânhamo (1788), primeiro abrigo dos imigrantes alemães, chegados em 25/07/1824, e fundadores de São Leopoldo.

Primeiramente, procuro nesta pesquisa contextualizar a realidade leopoldense a partir de um olhar de sua história, passando rapidamente por este momento de constituição de uma identidade social, econômica, política e cultural da população local. Procuro também a partir de um olhar não contemporizador sobre as relações existentes neste processo exercitar a crítica necessária sobre a situação atual do povo latino americano, que segundo Dussel (**ver esquema abaixo**) necessita ter sua realidade histórica-cultural posta em questão pela interpretação provocativa do Outro (que representa o povo oprimido), ao sabermos escutar sua palavra. Esta provocação como método de pesquisa da realidade, lançar-se á a práxis do oprimido, requer a aceitação ética da interpretação dos excluídos pelo sistema opressor.

Dussel e o enconbrimento dos “bárbaros”



Localizado na região do Vale do Rio dos Sinos, o perímetro geográfico da cidade de São Leopoldo é constituído de 102, 31 km² (representando 1,4% da área da Região Metropolitana de Porto Alegre), com uma população média de 210 mil habitantes.

São Leopoldo tem uma história intimamente ligada ao processo colonizatório³ ocorrido no Brasil do século XIX, onde europeus de diversos países povoavam o “mundo novo” em busca de novas oportunidades de vida e, principalmente, por terem em nosso território a base de suas vidas sociais e de produção. A cidade fundada em 1824 é considerada o berço da colonização alemã em nosso país. A população de origem alemã chega primeiramente a Porto Alegre, em 18 de julho de 1824, na época capital da província de São Pedro do Rio Grande. O governo imperial tinha uma estação agrícola, situada às margens do Rio dos Sinos, que segundo a visão colonialista não vinha dando os resultados esperados, situada na Feitoria do Linho Cânhamo.

Oficialmente em 25 de julho de 1824, data de fundação de São Leopoldo, vieram para cá um grupo de 43 imigrantes onde entre eles existiam evangélicos e católicos. A cidade ficaria

³ Período de colonização marcado por uma política nacional de descentralização do povoamento de nosso país, com características iniciais, nas quais o processo colonizatório brasileiro, por força das nossas características geográficas se dá quase que exclusivamente a partir de nossas costas marítimas..

marcada na história de nosso estado, por ser cidade sede da imigração alemã, agregando ao seu processo histórico cultural uma religiosidade de matriz católica e evangélica. Chamava a atenção o fato de boa parte dos recém-chegados, sequer conhecia florestas nativas ou mesmo secundárias maduras em nossas terras de origem. A partir dos registros governamentais, é possível constatar que a maioria dos imigrantes alemães era de descendência camponesa antiga e vivia em lugares antropizados havia milênios. Alguns, inclusive, sequer eram agricultores.

Destes primeiros imigrantes chegados a São Leopoldo, a maioria vinha do Noroeste da Alemanha (Hamburgo, Holstein, Hanover, Mecklenburg) e, entre outras profissões conhecidas, havia setes agricultores, dois carpinteiros, um pedreiro, um ferreiro e um empregado da indústria de papel. Na segunda leva, constituída de 81 pessoas, havia pelo menos 16 agricultores, mas também um pedreiro, um pintor, um ferreiro, quatro carpinteiros e um sapateiro, entre outras profissões (Rambo, 1956, p. 80). Quando encontraram seu novo lar, sentiram-se perdidos diante da realidade que encontraram na colônia.



Quadro de Ernst Zeuner sobre a chegada da primeira leva de imigrantes alemães em 25/07/1824, às margens do rio dos Sinos, hoje cidade de São Leopoldo.

2.1 A imigração germânica, sua relação com a floresta sub-tropical e os impactos culturais

Em se tratando das questões naturais, as mesmas sofrem drásticas alterações já no primeiro período da colonização, cujo ponto de partida foi a Colônia de São Leopoldo. Durante todo o processo de ocupação da nova colônia, os descendentes dos pioneiros conquistaram extensões cada vez maiores, ultrapassando, inclusive, os limites iniciais estabelecidos pelo império. Em sua diáspora por novas terras, os imigrantes promoveram não apenas mudanças na paisagem, mas também alterações de ordem econômica e social na região e no RS. As mudanças passam a ocorrer partindo da referência da mata, com a conseqüente eliminação dessa vegetação, vista pelos imigrantes como o caos, selvageria, atraso e barbárie. Em sua relação empírica com as “novas terras”, os colonos exterminaram gradativamente com a floresta tornando a paisagem semelhante à de sua antiga pátria.

*No horror profundo da floresta,
Onde leões e tigres imperam,
O homem forjou planícies floridas
E promove, cuidadoso, a cultura,
Em lugar do sussurrar sinistro das matas
Ecoa agora o canto alemão,
Os animais selvagens escutam,
Temerosos, estes sons raros⁴.*

O imigrante Josef Umann (1981, p. 78) em seus versos, “reforça” junto às consciências e memória histórica dos colonos a necessidade de alicerçar-se do “novo mundo” a partir da imagem cultural e ideológica do antigo mundo. Musicadas pelas Sociedades de Canto da época, esta mensagem reforça a luta travada entre civilização e floresta difundindo uma hegemonia da conquista forjada, a partir das ações dos colonos sobre um lugar inóspito e desconhecido. Lendo este pequeno verso, tem-se a idéia do terror infligido aos patrícios do autor diante de algo tão misterioso e temido como no caso das florestas subtropicais encontradas nestas terras.

Por desconhecerem este bioma, os imigrantes degradaram seu solo ao extremo. O medo presente em muitos deles acusa em suas manifestações culturais esta noção. A floresta era tida como foco do paganismo, na baixa idade Média, tornou-se alvo constante da Igreja Católica no Velho Mundo (HARRISSON, 1993, p. 62). Esta visão alimentava a idéia da floresta enquanto abrigo da heresia. No feudalismo sua exclusão ganhou a denominação de *foris*, cujo significado tinha literalmente o sinônimo de “fora”. O perigo e a insegurança oferecidas pela floresta, condenara ao fogo do inferno toda pessoa rendida aos demônios e espíritos da floresta.

A Igreja no período possuía boas razões para disseminar este terror, já que as seitas chamadas pagãs construíram de forma muito viva na memória popular esta imagem. Estas mesmas culturas eram ameaça a expansão da chamada civilização judaico-cristã. Harrison destaca, a Igreja procurava levar a todos os rincões a noção de uma representação das florestas enquanto o lado obscuro de um mundo dito em “ordem”, seus padres eram responsáveis por legitimar junto às camadas populares esta posição.

Os colonos, primeiros imigrantes da cidade tinham em sua construção cultural este temor. Por adotarem o Velho Testamento, faziam deste uma leitura para a qual o *Mundo Velho*

confrontava-se com o *Mundo Novo*, como referência religiosa, também estigmatizavam sua relação com a natureza enquanto um ente selvagem, um lugar misterioso e terrível. Esta percepção sobrevivia ao tempo sendo ressignificada, influenciando a visão de mundo, com fortes influências no comportamento dos colonizadores embrenhados nas matas.

2.2 A colonização e seu contato com os indígenas

Com a instalação em São Leopoldo dos colonos alemães, ocorreu uma série de conflitos, muitas vezes violentos, com os indígenas habitantes originários⁵ das florestas. Os Kaingangs tinham um modo de vida baseado na subsistência, onde a coleta de pinhões, a caça, a pesca e a horticultura estavam ligadas a sua sobrevivência diária. Nestes confrontos entre colonos e indígenas, que ocorriam devido ao conflito de gerações, há relatos do viajante Avé-Lallemant a partir de registros feitos pelos próprios colonos, que nos davam uma idéia de como foi este “desencontro”, e como eram vistos os primeiros povos que habitavam a Província: *“Quando São Leopoldo foi fundada, os bugres índios selvagens – pois a palavra bugre não indica nenhuma tribo, mas o estado de selvageria – viviam no campo, distante do Monte Hamburgo. Retiraram-se dali para a serra, mas desde então atacaram as picadas e as colônias. Deram-se encontros sangrentos. Num desses ataques foram mortas onze pessoas [...] Com tais acontecimentos, não podia haver relações entre os colonos e os bugres. Quando aparecia um selvagem nu – e todos andam completamente nus e assim tinham de andar entre eles os prisioneiros, mesmo as mulheres –, sem dizer água vai, atiravam-lhe uma bala na carne. E essa ultima rerum ration surtiu efeito: há três anos não se fala de índio na colônia. O governo estabeleceu numa parte da colônia alguns chamados “índios mansos”, pois em algum lugar há que ficar essa gente*

⁴ Cf. UMANN, 1981, p. 78.

⁵ Expressão que conforme fontes bibliográficas como dicionários, entre outros textos, define o que tem origem em; que deve sua origem a. (Sin.: proveniente, oriundo, procedente, descendente, primitivo, provindo.) José Luiz Quadros de Magalhães, Dr. em Direito pela UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais e professor do programa de mestrado da Faculdade de Direito do Sul de Minas. Escreve o artigo de título *Bioética no Estado de Direito Plurinacional*, para a Revista *Jus Vigilantibus*, publicada em 29 de outubro de 2009, no qual o autor referencia os Povos Originários, os indígenas, como os primeiros e únicos donos da terra na América latina.

infeliz. Conversavam-se, porém, inteiramente à parte e acredita-se que podem um dia lançar fora a roupa e voltar para a sua vida na selva (AVE-LALLEMANT, 1980, p. 131).

O ex-inspetor colonial Jahn (1871, p.), em um de seus informes nos traz a seguinte informação: “a invasão dos indígenas selvagens nas proximidades das divisas dos prazos coloniaes com os mattos virgens” contribuiu para “embaraçar seu desenvolvimento”, dificultando o “progresso de sua laboriosa população”. Neste encontro de dois “distintos mundos” e/ou civilizações, o dos colonos em choque com o dos indígenas, novamente o ex-inspetor afirmará sobre o movimento de expulsão dos indígenas, promovido pelos imigrantes quando da colonização leopoldense.

Quando em 1832 os habitantes da Picada Dous Irmãos forão extraordinariamente incommodados pelos indígenas selvagens, resolverão quatro moços robustos e corajosos estabelecer-se nos fundos dos primeiros dezesseis prazos coloniaes da ala de Lesta da dita Picada, e ahi fundarão a Linha denominada: Quatro Colônias, constituindo-se assim uns baluartes contra aquelles indígenas [...] Passados os anos, não havia mais o que recear de taes selvagens (Jahn, 1871, p. 8-9). *localidade da colônia com a riqueza de suas mattas e terras prometia aos colonos um rigo futuro – essa convicção os tornou firmes nos trabalhos e unidos na vigilância contra os inimigos selvagens...*

Nesta passagem, se verifica o desrespeito imposto aos primeiros povos destas terras, os indígenas, que tiveram arrancados de si, suas terras, sua dignidade, sendo submetidos a uma severa perda de identidade, pois seus traços identitários, haviam sido irremediavelmente desrespeitados.

Houve períodos de maior “conformidade” nesta convivência, como pode nos indicar alguns escritos, mas não havia um clima de verdadeira segurança instaurado, muitas histórias de enfrentamentos repetiram-se, e o medo dos imigrantes estava registrado em cartas, diários, entre outros escritos. Existia o chamado “horror profundo da floresta”, denunciado pelo velho Umann, quando usa o termo “*Waldesgrauen*”, significando, *floresta que faz tremer*, esta floresta *que provoca* medo, cuja paisagem assusta e atordoia ao imigrante, por ser sombria e indomável. Para

os imigrantes acostumados a regiões de esparsas florestas, “dominadas” pelas mãos do homem, este cenário realmente assumia contornos assustadores.

2.3 A forte presença do negro e sua relação com a imigração alemã

Antes de muitos povos se estabelecerem no Rio Grande do Sul, o negro já pisava em solo gaúcho. A presença de africanos e descendentes se confunde com a própria história rio-grandense. O negro não veio ao Sul em processo formal de colonização, mas na condição de cativo, trazido por expedições colonizadoras ou integrando tropas militares. Fez o trabalho braçal em instâncias e em centros urbanos. A etnia chegou a oscilar, no século XIX, entre 30% e 40% da população da província, conforme os escritos Mário Maestri⁶. Colônias como a de São Leopoldo, se valeram dos escravos até mesmo bem depois do processo de abolição da escravatura.

Conforme a cartilha “O negro no Rio Grande do Sul”, elaborada pela Fundação Palmares, do Ministério da Cultura, a etnia circulava pelo Estado antes do início oficial da colonização, em 1737. Participando de cidades importantes e colônias espalhadas pela região. A mão de obra negra escrava encontra em São Leopoldo, sua primeira “colocação”, na feitoria do Linho-Cânhamo, em São Leopoldo (1789-1824), conforme a cartilha, redigida pelo escritor e poeta Oliveira Silveira, com pesquisa do historiador Jorge Eusébio Assumpção.

Mesmo na condição escrava, e depois da abolição em 1888 jogada à própria sorte, quando da abolição da escravidão, a população negra foi um dos alicerces da formação da cidade. O recenseamento geral do Império brasileiro, de 1872, confirmava que 34,6%, de toda população gaúcha era negra. O traço cultural do negro na cidade deriva, na essência, dos povos Bantos, oriundos da África (Congo, Angola, Moçambique), que trouxeram como contribuição cultural a música, a culinária e sua religião. Segundo pesquisadores da Fundação Palmares, a capoeira, de

⁶ MAESTRI, Mário. *Breve história do Rio Grande do Sul: da Pré-História aos Dias Atuais*. Passo Fundo : UPF Editora, 2010, v.1. pp.461.

origem africana, chegou ao Estado no início do século XX, tanto quanto o samba. Na culinária, eles apresentaram a feijoada e recriaram o mocotó, iguaria feita a partir das sobras de animais.

A escravidão em São Leopoldo, ainda enquanto colônia estava estabelecida dentro do projeto Imperial de colonização do Brasil, cuja implantação vimos se deu em 1824, utilizando-se de imigrantes europeus de origem germânica. O território que iria abrigar os imigrantes pertencia anteriormente à Coroa Portuguesa, onde se produzia o linho cânhamo. Neste local funcionava a Real Feitoria do Linho Cânhamo empreendimento realizado com base na mão-de-obra escrava durante os anos de 1788 a 1824. Através da documentação existente (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul), sobre a Feitoria percebe-se que o braço escravo negro era largamente utilizado, e mesmo com a extinção deste empreendimento durante a colonização de São Leopoldo os cativos estiveram presentes entre os imigrantes, apesar da legislação proibitiva a este respeito (leis nº. 143, de 21 de julho de 1848 e nº. 183, de 13 de outubro de 1859).

O recorte temporal a partir do qual encontramos estes registros se dá entre os anos de 1850 a 1870. Nosso estado, aliás, em períodos anteriores, despontava como uma das províncias que detinha um elevado percentual de escravos. Se estabelecêssemos um paralelo entre as províncias com maior população cativa como nos exemplos do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, o Rio Grande do Sul aparecia em sexto lugar. Neste sentido, o extremo sul do Brasil apesar de grande parte dos historiadores afirmarem a inexistência ou insignificante presença escrava, nesta porção do país, as fontes consultadas apontam outros dados.

Pesquisando os inventários⁷ post-mortem, as cartas de alforria, processos-crime, no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, os registros de batismos, certidões de casamentos e os registros de óbito no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre encontramos inúmeras evidências acerca da existência de cativos entre os imigrantes alemães e os luso-brasileiros que habitavam a região. Tradicionalmente a historiografia sulina defendeu a tese da inexistência ou reduzida participação do escravo no contexto sócio-econômico da cidade. Por outro lado, estudos recentes confirmam o contributo do trabalho escravo neste território desde o

século XVIII. Neste início de século, os estudos de figuras como Mário Maestri, Helga L. Piccolo e Paulo Roberto Staudt Moreira a partir de suas pesquisas assinalam com propriedade a significativa presença de escravos e libertos no cotidiano nesta construção Capilé.

2.4 A consolidação da Cidade de São Leopoldo e sua relação com as identidades diversas

Tendo a sede da Feitoria como referência desta primeira leva de imigrantes, tudo foi uma questão de tempo até que estas famílias recebessem lotes de terra para constituírem seus lares. O governo da Província batizaria este núcleo de *Imigrantes da Colônia Alemã de São Leopoldo*, o mesmo estendia-se por uma área superior a mil km², com abrangência que ia da direção sul-norte, de Esteio até Campo dos Bugres (hoje, Caxias do Sul), e em direção leste-oeste, de Taquara (hoje) até Porto de Guimarães, no rio do Caí (hoje, São Sebastião do Caí).

Estes homens e mulheres tinham um perfil de produção onde a agricultura e a artesanaria eram seus pontos fortes, esta natureza produtiva adequava-se ao perfil exigido as colônias, de uma produção nitidamente voltada para um mercado externo monopolizador da produção, que necessitava das matérias-primas coloniais para abastecer os grandes mercados mundiais baseados em um comércio marítimo cada vez mais avançado. A partir do núcleo da Feitoria, tem-se inclusive o surgimento do processo industrial inicial do Vale do Rio dos Sinos.

Esta imigração, com 183 anos de existência, tendo como um dos pontos mais marcantes, um feriado municipal em 25 de julho, cujas comemorações ganham destaque até mesmo nacional, se auto-afirma enquanto contribuição dos alemães trazendo também uma inestimável riqueza cultural ao nosso estado. O processo de colonização está ligado a perspectivas de um ideal civilizatório europeu, com recorte colonizatório, que deixará marcas principalmente para questões ambientais da região: *“Em meados de 1824, açoitados pelos ventos gelidos da estação mais fria do ano no extremo Sul do Brasil, 43 imigrantes alemães pisavam pela primeira vez o solo de São Leopoldo, na antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo. Depois de mais de dois meses de viagem, os recém-chegados finalmente deparavam com a sua terra de promessa, concedida pelo governo imperial*

⁷ *O Escravo Deixado como Herança*. Documentos da Escravidão no RS. Inventários do Arquivo Público

brasileiro. A política de incentivo à imigração europeia no Rio Grande do Sul do século XIX tinha por objetivo, entre outros aspectos, povoar terras consideradas desabitadas e pouco aproveitadas, que se estendiam do centro ao norte da província. Em virtude de seu relevo acidentado e da predominância de matas, essa região era preterida pela elite latifundiária regional, que tinha como base econômica a pecuária e possuía grandes propriedades de terras da Campanha, ao Sul. (Vol. 12 Nº. 3 - setembro/dezembro de 2008 208 Juliana Bubliz)”.

Esta colonização demarcou não somente do ponto de vista cultural e dos bens imateriais oferecidos pelo processo, mas também do ponto de vista simbólico a arquitetura de São Leopoldo, seus prédios históricos, o desenho de algumas ruas e espaços comunitários, obedece a perspectiva de um visão-mundo articulada com o momento histórico do período colonial, e principalmente com os personagens desta saga, com algumas de suas características já apontadas.

São Leopoldo desenvolveu ao longo do tempo um potencial turístico reconhecido por procurar manter uma parcela da história local viva, destacamos pontos como o Parque do Trabalhador, as Escola Agrícola, Barco Martin Pescador, Escola Superior de Teologia (EST), Monumento ao Centenário da Imigração Alemã, Monumento ao Sesquicentenário da Imigração Alemã, Monumento em Homenagem aos 175 anos da Imigração Alemã, Monumento 500 anos, Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Ponte 25 de Julho, Praça Centenário (Praça do Imigrante), Praça 20 de setembro, Sociedade Orpheu, Santuário Sagrado Coração de Jesus - Padre Réus, Túmulo de João Hillebrand e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Estes indicativos nos mostram a forte influência, com repercussões da cidade que pautam uma visão cultural da etnia dominante a imigração alemã. Alguns desses momentos históricos, são ilustrados nas fotos a seguir, denotando tais características.



Câmara de Vereadores



Museu do Trêm



Santuário Sagrado Coração de Jesus - Padre Réus



Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) – Antigo Prédio

2.5 Elementos de uma identidade plural na construção leopoldense

Culturas de várias regiões do sul do Brasil e de outros países contribuem com o recente processo de construção identitária leopoldense. Pessoas de diversas origens sociais e áreas (camponesa, urbana), continuam neste fluxo migratório com o intuito de estudar, trabalhar, constituir famílias e contribuir com um processo de construção da cidadania local.

A vivência na cidade e os diferentes modos de vida, as tradições, as memórias individuais e coletivas, a vida social e a diversidade cultural leopoldense, nos oferece vários pontos de partida para entendermos esta construção histórica. No *cultivo* da cultural local, encontramos as indígenas, com seus cultivos de milho, mandioca e hortifrutigranjeiros, paulistas, castelhanos e açorianos nos trouxeram frutíferas, assim como a moranga e abóbora. Com os descendentes de africanos veio uma imensa religiosidade e os diversos sons produzidos por uma rica ancestralidade. No chamado catolicismo engajado e popular, encontramos uma união com os orixás. Na esteira desta caminhada coletiva, contraditória é verdade em alguns pontos, surgem na música a bandinha, o coral, as escolas casa de oração, as vendas, os seminários, escolas superiores, os clubes comunitários, CTGs etc. Temos um carnaval entusiasmador, com uma liga de escolas bastante organizada e um calendário de atividades na cidade bem organizado e envolvente.

Nos acontecimentos que remontam os episódios citadinos mais longínquos, nas lutas diversas por afirmação das diferentes identidades locais, é possível afirmar ser nossa identidade pessoal ou de grupo aquilo que inscrevemos sobre ela. A identidade indígena, afirmada pela comunidade Kaingang, a identidade luso-açoriana presente em alguns costumes, chegaram os judeus para os quais não havia lugar na Europa. Os africanos com sua identidade marcada pela invisibilidade, reforçada principalmente pelo estigma de suas existências. Os alemães possuíam identidades regionais, e por isso não conheciam a Alemanha, como a conhecemos hoje, a partir do idioma, as tradições fundidas com outras, e sua maneira de ser como um “fio” amoldando-se nesta relação, as vezes tensa, em alguns momentos bastante rica, como notamos na incorporação de hábitos adquiridos de outros grupos migratórios. Atualmente com cerca de 210 mil habitantes, São Leopoldo não se reconhece mais como antes, apenas como colonizada por alemães, pois os chamados “nativos”, ou nascidos na cidade, são pouco mais de 70 mil habitantes, ou seja, 70% da

população local corresponde a pessoas de outras origens do estado do RS ou até outros estados brasileiros que vieram para São Leopoldo na última década, e não a local

2.6 São Leopoldo e os avanços políticos institucionais

O resultado de políticas públicas hoje em curso na cidade de aproximadamente 06 (seis) anos para cá, são uma realidade que foi possível a partir da administração popular eleita com o apoio de partidos do campo popular, tendo ao seu lado uma bancada a qual hoje é maioria na câmara, constituída de 11 (onze) mandatos de um total de 13 (treze) cadeiras. Vale dizer, portanto, que hoje a chamada oposição, é constituída de 02 (duas) cadeiras no legislativo municipal. Este quadro político local é fruto de uma hegemonia de centro-esquerda no município, reeleita com praticamente 80% dos votos dos leopoldenses.

Esta mesma hegemonia carrega em seu núcleo uma composição de 07 (sete) partidos políticos (PT, PSB, PDT, PC do B, PSC, PV e PP). O significado desta informação nos remete, a um passado político anterior a este processo, sobre o qual reside uma imagem que a população local deseja esquecer, devido ao total descaso e inércia do poder público, sem falar nos infindáveis casos de corrupção dos governos passados e dos autoritarismos de toda ordem. Um exemplo foi a suspensão das eleições diretas de diretores pela comunidade escolar, e uma subordinação quase que endêmica de setores importantes da política à época aos interesses econômicos, como no exemplo da grande influência da especulação imobiliária nos rumos da política da reforma urbana vigente no período dos últimos 30 anos.

A afirmação da vontade popular no caso da retomada pelo atual governo do processo de escolha democrática de diretores de escolas municipais, o fortalecimento e ampliação da participação nos conselhos de direitos, o que dá crédito nesta relação governamental com a sociedade civil organizada, assim como a introdução de instrumentos como o Orçamento Participativo, as Conferências Municipais por área de governo, assim como o Congresso da Cidade demonstram esta vontade de um núcleo incisivo em suas influências nos rumos

governamentais alinhado com uma visão de sociedade, onde este governo busca ser afirmativo quanto ao papel jogado pela classe trabalhadora nos rumos de nosso município.

Pedagogicamente, a partir desta experiência de administração em curso, podemos assistir a vastos setores da comunidade saem fortalecidos em suas convicções mais caras sobre o tema da participação popular, haja visto que nossa cidade hoje é percebida como uma das maiores na América Latina em organização comunitária, o que vemos expresso na quantidade enorme de entidades representativas da sociedade civil organizada, tais como Associações de Moradores, ONGs, representações de movimentos sociais populares, sindicatos entre outros. Esta cultural política de efervescência social por sua vez impacta na auto-imagem destes setores e em seu tecido social, a medida que eleva a mesma, cria laços de solidariedade entre seus sujeitos, e propicia aprendizados geradores de motivações na auto-organização e fortalecimento das identidades locais.

Ao fazer um cruzamento no tempo entre o período da província e os dias de hoje, muitas mudanças existem nas diferentes formas de percepção da realidade de São Leopoldo, principalmente, no que diz respeito ao papel das diferentes raças e etnias que coexistem entre si, e constituem uma dinâmica formação dos traços constitutivos da cidade. Ao elencar a relação histórica entre os povos negro, indígena e a colonização com enfoque na origem alemã, pretendo entrar em uma seara, algumas vezes de difícil abordagem, e também incompreendida tanto por setores da academia mais tradicionais, assim como para aquelas pessoas consideradas do *senso comum*. A região sudeste, que teve de certa forma forte influência deste viés colonizatório já apontado, passa hoje por um processo, no qual as políticas públicas da esfera municipal conjugadas com a esfera federal, via o PAC – Programa de Aceleração do Crescimento, visualizam para além da participação dos sujeitos envolvidos nesta ação, a efetivação de direitos transversais e em permanente diálogo com a Cultura, a saber, alguns deles são Educação, Moradia, Assistência Social, etc.

A região do arroio Kruse atendida pela ação em um perímetro de aproximadamente 2 (dois) mil metros, é historicamente povoada por uma população de origem afro-descendente em um primeiro momento, para depois ir se “mestiçando”. O interesse da pesquisa recai sobre este elemento territorial, multi-étnico, sócio-econômico e principalmente de fundo cultural, pois a pesquisa aborda os principais elementos encontrados pelas políticas culturais da Secretaria

Municipal de Cultura via a *Descentralização da Cultura*, seus impactos na realidade cultural desta comunidade e de como se efetiva a construção dos “espaços de poder” e legitimação das vozes dos diferentes sujeitos da ação, da sua aceitação e como seus traços culturais são vistos pelo poder público neste presente processo.

3 ANÁLISE DAS POLÍTICAS CULTURAIS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO LEOPOLDO: O PAPEL DA *DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA*

O Programa de Descentralização da Cultura busca a implantação de uma política de democratização da cultura, permitindo aos cidadãos que historicamente foram excluídos do acesso aos bens culturais tenham oportunidade de participarem junto às ações, atividades artísticas e aos projetos culturais em nossa cidade. O objetivo é promover uma maior interação do poder público com a população e incentivando as manifestações da comunidade local, principalmente nos bairros e vilas afastados do centro da cidade.

O Programa é implantado em todas as Regiões do Orçamento Participativo, respeitando as demandas específicas de cada uma, sendo construído com o protagonismo da comunidade local a partir das Comissões Regionais de Cultura, que são criadas com o objetivo de incentivar a formação de núcleos culturais em cada Região. A Secretaria Municipal da Cultura oportuniza os setores mais excluídos, a terem uma visão cultural mais plural e identificada com a sua realidade, valorizando a cultural local e as expressões artísticas hoje existentes e tão distantes da grande maioria da população.

3.1 Projetos da SMC – Secretaria Municipal de Cultura

Na perspectiva de garantir coerência, compreender todos os aspectos do fazer cultural e facilitar o acesso às ações e atividades artísticas o Programa está organizado em três grandes Projetos:

1. Oficinas de Arte Educação nas seguintes áreas: teatro, dança, literatura, música, artes plásticas, hip-hop, comunicação e capoeira;
2. Programação Cultural Descentralizada abrange:

- a. Atividades já existentes: Feiras Populares, Cultura na Praça, Carnaval, Sul + Sur, Novembrada de Cinema;
 - b. Mostras Regionais e Mostra Final das Oficinas;
3. Festivais de Música, Teatro, Literatura, Dança e Artes Visuais contemplando as oito regiões do Orçamento Participativo e com etapa final prevendo finalistas com premiações sempre para as primeiras colocações.

A articulação dos três projetos entre si e a interação com a população constitui o Programa de *Descentralização Cultural* como uma das principais ações de inclusão cultural da Secretaria Municipal da Cultura, garantindo assim a execução dos programas de governo nos períodos de 2005-2008 e 2009-2012, buscando coerência com um projeto de sociedade profundamente democrático, social, econômica, cultural e politicamente. Em seu texto⁸ básico a Secretaria da Cultura defende ser possível:

- Afirmar a cultura como direito social básico da população leopoldense.
- Democratizar o acesso, e incentivar a produção e fruição da cultura, dando resposta à enorme dívida cultural que o município tem para com a população mais pobre economicamente.
- Descentralizar política e geograficamente as expressões culturais, em São Leopoldo.
- Garantir a pluralidade de linguagens, expressões e estilos no processo de democratização e descentralização da cultura.

3.2 Como Objetivos específicos, o mesmo texto⁹ apresenta

- Descentralizar a política cultural, e a programação cultural do município atendendo as 08 (oito) regiões do Orçamento Participativo, oportunizando à maioria da população o acesso a produção artística local e externa;

⁸ Texto de Planejamento Estratégico da Secretaria Municipal de Cultura. Ano de 2008. Página 07. 15 páginas.

⁹ Texto de Planejamento Estratégico da Secretaria Municipal de Cultura. Ano de 2008. Página 08. 15 páginas.

- Incentivar e qualificar o desenvolvimento das manifestações artísticas e culturais locais, e o grande potencial cultural da cidade;
- Democratizar e universalizar o acesso aos bens culturais, principalmente às populações mais excluídas do acesso à cultura;
- Oportunizar o acesso de toda a população às diferentes linguagens artísticas, pluralizando e enriquecendo o conhecimento da população das diferentes expressões artísticas existentes;
- Estimular a participação consciente e protagonista da população, na definição e execução das políticas públicas de cultura do município;
- Incentivar os artistas e agentes culturais da cidade a se auto-organizarem, garantindo um diálogo permanente e qualificado com a Secretaria Municipal da Cultura;
- Oportunizar as formas de ser e fazer pela linguagem artística, permitindo a construção de uma identidade cultural autêntica e autônoma;
- Democratizar o acesso ao conhecimento e à informação, através de meios de comunicação alternativos;
- Constituir as Comissões de Cultura como núcleos culturais permanentes e com poder decisório em nossa cidade.

A implantação de uma política de *Descentralização da Cultura* conjugada com outras políticas públicas e definida como diretriz para as ações da cultura no município, aparece como instrumento eficaz de democratização da cultura, permitindo que toda a população tenha acesso às ações, atividades artísticas e aos projetos culturais. A Descentralização da Cultura se define como um programa, visto que agrega ações e projetos com a finalidade de afirmar a cultura como um direito social básico capaz de contribuir para o descobrimento, afirmação e transformação dos sujeitos.

Uma das premissas do Programa de Descentralização da Cultura é a visão de uma cultura como algo que se faz. Que ela seja não de coisas, mas de seres humanos e suas manifestações no mundo, num campo propício para uma nova relação, viva, direta, imediata, capaz de contribuir para o descobrimento e afirmação da própria identidade e para o desenvolvimento de uma expressão (cultural) autônoma. Desta forma, Cultura é o que torna o ser humano um ser de decisão e iniciativa, aquele que sempre busca transformar o seu meio. Seja na contemplação e

abstração diante das atividades artísticas nas diferentes linguagens, possibilitadas, seja na criação de expressões genuinamente populares.

As ações visam atingir um ser concreto inserido numa realidade histórica, ao qual deve-se não apenas repassar regras ou técnicas, mas incentivar a livre expressão artística, permitindo o desenvolvimento cultural, social e político dos indivíduos e sua coletividade. Democratizar o acesso da população à cultura é tarefa fundamental de projetos populares atentos as igualdades sociais de nossa sociedade. Neste sentido, o Programa de Descentralização da Cultura, é dividido em três grandes eixos: A Programação Cultural Descentralizada, O Projeto de Oficinas, e os Festivais.

O Projeto de Oficinas visa qualificar a produção existente, e permitir aos que nunca tiveram acesso às artes de um modo mais direto, ou não conseguem ainda se reconhecer como fazedores e criadores de cultura, o fortalecimento de sua identidade cultural local e a autonomia desses indivíduos. A Mostra das oficinas serve como um estímulo e valorização do trabalho realizado, tornando o(a)s afinando(a)s agentes culturais ativo(a)s e reconhecido em suas comunidades. A Programação descentralizada permite à população acessar o produto das Oficinas nas Mostras regionais, bem como, a produção artística e cultural produzida no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo gratuitamente, ampliando seus horizontes culturais. É um importante instrumento de relação da SMC com as comunidades locais, e a valorização do seu local de moradia como um espaço também da cultura, com conhecimento das artes. Além de unificar as diferentes ações a SMC nos bairros gerando possibilidades de os sujeitos envolvidos poderem intervir no processo, via as Comissões Regionais de Cultura.

Os Festivais possuem o objetivo de valorizar e incentivar a produção musical local. Sendo realizados, nas 08 (oito) regiões do Orçamento Participativo, com etapas eliminatórias e depois uma final. Os mesmos não visam à competição individualista ou comercial, e sim estimular que os artistas dos diferentes ramos, qualifiquem-se, produzam e divulguem seu trabalho nas diferentes regiões da cidade. Como um instrumento de qualificação da produção cultural de São Leopoldo. Cada região tem representação nas publicações finais como forma de divulgar amplamente o resultado de todo o processo. A produção e demanda, nas diferentes áreas é muito grande, por isso tais festivais são fundamentais, no intuito de fomentar a qualificar uma área que tem muitos artistas profissionais em plena atuação.

As Comissões Regionais de Cultura são formadas com o propósito de manter um elo permanente e representativo junto aos bairros e a Secretaria da Cultura, atuando em parceria junto a todas as ações do Programa e nas demais ações descentralizadas da Secretaria. De forma democrática, transparente e comprometida com uma visão de mundo emancipatória. O Programa de *Descentralização da Cultura*, pretende ser um instrumento de disputa de hegemonia e de valores culturais em nossa sociedade, tão poluída pelos meios de comunicações de massa, pela lógica mercantilista e por uma cultura importada dos países ricos que, nos foi imposta desde a chegada dos primeiros colonizadores no Brasil. O resultado deste processo busca um fazer cultural livre, solidário, independente e identificado com a nossa realidade, com a vida do nosso povo, tornando o seu público, sujeito da transformação em curso em nossa cidade.

As Oficinas de Arte-Educação acontecem semanalmente, com carga horária a ser definida com as comunidades, tendo como principal público-alvo crianças, adolescentes, jovens e adultos. Além disso, há horas mensais para reuniões com a coordenação e acompanhamento do processo pedagógico. Com base no objetivo de garantir uma interação permanente entre o(a)s officinando(a)s e a SMC e na avaliação feita juntamente com o(a)s oficinheiro(a)s do Projeto Piloto de Descentralização de 2006 (setembro a dezembro), no qual a principal deficiência identificada foi a falta de constância no contato e relação com as comunidades, através de suas associações e outras entidades representativas, chegou-se às seguintes conclusões:

1 – A necessidade de ativistas comunitários, ligado às artes e com perfil de articulador comunitário, visto que existe um entendimento muito precário em relação ao projeto e seus objetivos. Um profissional contratado que mantenha o foco tanto na relação com a comunidade, quanto no acompanhamento do trabalho político pedagógico do(a)s oficinheiro(a)s.

2 – O projeto de Descentralização ocorra, contemplando as 08 (oito) regiões com um levantamento junto às associações de moradores e entidades representativas das comunidades dos bairros, para o diagnóstico das linguagens artísticas mais recorrentes de cada região. As associações e entidades possuem uma interlocução estrita com a SMC, em um processo contínuo no qual se faz necessário o estabelecimento de novas interlocuções com entidades cuja relação ainda não se estabeleceu.

3 – Desenvolver uma reflexão/debate sobre a vida da comunidade, o que cada um conhece da história local, acontecimentos, fazer reconhecimento das referências locais (ruas, casas, moradores e suas atividades); através de uma coleta de dados sobre a comunidade (quando surgiu; origem histórica; quantos habitantes; referências culturais; problemas sociais, econômicos, etc.); convidar pessoas a dar depoimento sobre o assunto;

3.3 Constituição das Comissões Regionais de Cultura

Essa ação propõe-se a constituir Comissões Regionais de Cultura nas 08 (oito) regiões do Orçamento Participativo, com apoio do Fórum Regional de delegados, tendo em vista que se entende a importância e legitimidade dos canais construídos pelo processo do OP na cidade. As Comissões são formadas por lideranças comunitárias, moradores das comunidades, artistas locais, delegados e conselheiros do OP, que se reúnam com periodicidade.

São objetivos das Comissões Regionais de Cultura:

- Debater e deliberar sobre as ações da política de cultura nas diversas regiões da cidade;
- Desenvolver junto com o poder público ações que promovam a política de cultura no município de forma descentralizada;
- Auxiliar na implantação do programa de descentralização, vislumbrando ações que contemplem as demandas da comunidade.
- Auxiliar na produção das Mostras Regionais e Mostra Final.

Por último, o programa da Descentralização da Cultura seleciona oficinairo(a)s em edital público, aberto a participação da comunidade artística e cultural, onde critérios como

método/proposta do(a) oficinairo(a), experiências anteriores, sintonia com a proposta, capacidade técnica do proponente da ação, titulação/formações na área, liderança e disponibilidade de tempo são levados em conta dentro deste processo seletivo.

3.4 As ações Culturais do Arroio Kruse

O Projeto PAC Arroio Kruse é uma iniciativa, coordenada pela Prefeitura de São Leopoldo, que visa à regularização fundiária e o re-assentamento de famílias que vivem às margens do Arroio Kruse. Também tem como objetivo a recuperação ambiental de aproximadamente 2,0 km (quilômetros) do próprio Arroio Kruse. Trata-se de um projeto articulado junto ao PAC – Programa de Aceleração do Crescimento, vinculado ao Governo Federal – neste caso, sob coordenação do Ministério das Cidades e tendo a Caixa Econômica Federal como agente financiador.

A região de ocupação urbana do entorno do arroio Kruse, com cerca de 40 anos de existência, é historicamente reconhecida por uma característica, no chamado início do processo migratório da cidade de São Leopoldo há 187 anos, onde existia a região da Linha Cânhamo - Feitoria, predominantemente povoada por afro-brasileiros e mestiços. Em sua organização comunitária, a região leste/sudeste de São Leopoldo, demonstra grande capacidade de articulação de entidades da sociedade civil organizada, um conjunto expressivo de Associações de Moradores, Ongs, Sindicatos, entidades religiosas, perfazendo aproximadamente 70 (setenta) entidades que organizam-se em torno de uma rede bastante representativa e participativa, haja visto o volume de ações ocorridas a partir destes setores com o envolvimento comunitário.



Localização das áreas de intervenção do Arroio Kruse

A ação vem sendo pensada desde o início de 2008 (referência de calendário em sumário de imagens), pautada em uma construção transversal entre diferentes secretarias de governo, onde fóruns distintos foram definidos e constituídos a partir de questões específicas de ordem geográfica e temática. As ações gerais do PAC para a região do entorno do arroio, a participação do CAMP neste Processo também começa a ser desenvolvida em 2008, totalizando uma série de

atividades distribuídas ao longo do período em que há uma responsabilidade em organizar, planejar e desenvolver o trabalho técnico social relacionado a um esforço de regularização fundiária e re-assentamento. O trabalho inclui ações nos seguintes eixos:

- mobilização e organização comunitária;
- educação sanitária e ambiental;
- geração de trabalho e renda.

Segundo a estratégia de trabalho da entidade, a mesma está centrada em três aspectos. Por um lado se realiza o esforço de acompanhamento social familiar, através de plantões na sede comunitária do Projeto e visitas domiciliares. Por outro, as iniciativas de educação e socialização se articulam através de oficinas de *arte-educação*¹⁰, esportes, geração de renda e educação socioambiental – combinadas a eventos públicos mais amplos. Por fim, o trabalho de formação e articulação política com a comunidade se estabelece através da constituição de uma série de instâncias que viabilizam a participação da população: faz parte do PAC Arroio Kruse uma comissão de lideranças comunitárias que acompanha todo o projeto e outra que acompanha especialmente as obras de construção habitacional e outras melhorias. Também faz parte do projeto a organização de um grupo de Agentes Mobilizadores, formado por moradores das localidades envolvidas no Projeto e com o objetivo de mobilizar e manter constantemente informada a comunidade.

¹⁰ Estas ações são construídas no momento inicial pela secretaria da Cultura, tendo esta secretaria como tarefa seu planejamento, e execução posterior, dentro dos paradigmas da *Descentralização da Cultura*.



Assembléia com moradores do Kruse



Equipe de Agentes Mobilizadores da comunidade



Liderança Comunitária em saída de campo com equipe do projeto técnico-social

O projeto tem como objetivo principal, importantes mudanças na qualidade de vida de 454 famílias que estão sendo reassentadas, 150 famílias que terão suas casas regularizadas nos locais que já ocupam e outras 774 famílias que se beneficiarão das melhorias no entorno do arroio. São quase cinco mil pessoas, vivendo em sua maioria próximas ou em áreas de risco localizadas nos denominados “Beco do Deco”, Buraco da Fumaça” e “Vila Born”, além de algumas pequenas áreas nos bairros São José e São Cristóvão, sempre próximas às margens do arroio. Considerando o público que já mora nas novas áreas, o PAC Arroio Kruse beneficiará mais de oito mil pessoas.



Aerofotogrametria da área

Portanto, é um projeto que articula melhorias ambientais com um processo de regularização fundiária e habitação popular. Neste sentido, se integra na política de reforma urbana preconizada pelo Estatuto da Cidade. Até aqui o trabalho priorizou a reorganização da Equipe de Trabalho Técnico Social, o processo de formação de lideranças nas comunidades envolvidas com o Projeto, o estabelecimento de atividades de educação e socialização entre os moradores e no acompanhamento às ações de reassentamento. Pode-se citar outras importantes iniciativas previstas como a sistematização de uma série de publicações visando temáticas socioambientais, a edição regular de um boletim informativo e o trabalho de pesquisa social para a construção de indicadores de qualidade de vida posteriores ao processo de reassentamento.

3.5 O *Conexão de Rua* dialogando com a cultural local

O programa *Conexão de Rua* surgiu no ano de 2006 como uma política pública da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, na busca de uma maior eficácia no enfrentamento à situação de rua vivenciada por crianças e adolescentes, violados em seus direitos fundamentais e, portanto, excluídos dos espaços de proteção e desenvolvimento saudáveis. Para o CAMP o projeto de Desenvolvimento Local do Kruse, era pautado a partir do discurso da comunidade, do diagnóstico levantado pelas próprias atividades desenvolvidas, a necessidade de se trabalhar as questões setoriais da comunidade (juventude, mulheres, idosos, negritude, PPDs, etc.)



O Beco do Deco e o bairro São Cristóvão construindo uma edição da *Conexão de Rua*

O CAMP a partir desta ação dialoga com os elementos da política cultural da secretaria Municipal da Cultura, pelos pressupostos da *Descentralização da Cultura*. Este registro é

importante ser feito, para estabelecermos uma relação entre duas ações distintas, mas ao mesmo dialógicas e relacionadas enquanto ação conjunta, pensada a partir da lógica de uma secretaria de governo. Os projetos buscam integração na articulação para o desenvolvimento local sustentável, junto a outras instituições e projetos voltados para geração de renda de forma associativa, com empreendimentos de economia solidária, cooperativas de prestação de serviço, beneficiamento do lixo reciclável, associações comunitárias, centros de religiosidade afro-brasileiras, espaços de atuação das igrejas que tenham como uma das preocupações o DL (desenvolvimento local).

Nesta perspectiva, pretende contribuir para o fortalecimento da comunidade com ações sócio-culturais, a garantia da convivência familiar e comunitária na proteção de direitos difusos, e o fortalecimento do protagonismo comunitário. Além da ampliação da consciência ecológica, da formação de um senso crítico e de co-responsabilidade social e do acesso à informação de direitos sociais, o *Conexão de Rua* tem como objetivo criar alternativas à situação de rua vivenciada por crianças e adolescentes que têm neste seu espaço de moradia e/ou sobrevivência, articulados os serviços da rede existentes no município e possibilitando a inclusão de todo(a) na rede sócio assistencial do município e nas ações da comunidade visando a garantia de direitos e inclusão social.

Neste período de implantação do Conexão de Rua, o projeto contribuiu para fortalecer a Rede de Proteção e trabalhou na perspectiva do Desenvolvimento Local (DL) através de dois movimentos intrinsecamente recíprocos identificados como Eixo de Proteção e Eixo de Prevenção. A escolha pelo DL aponta não somente para a necessidade do desenvolvimento econômico do local, mas também para a importância de um investimento na emancipação política que propicie a autonomia das comunidades na escolha e criação de suas formas de convivência comunitária e produção de cultura.

4 O CONCEITO DE *REVOLUÇÃO CULTURAL* E AS PERSPECTIVAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EMANCIPATÓRIAS – DIÁLOGOS ENTRE PAULO FREIRE E ENRIQUE DUSSEL

O sentido pedagógico, dialógico da revolução, que a faz “revolução cultural”, também tem de acompanhá-la em todas as suas fases”

Paulo Freire

Pretendo nesta parte de minha dissertação a partir de Paulo Freire e Enrique Dussel, trazer questões relativas ao enfoque dos autores, sua identificação com o tema da manipulação, enquanto processo de dominação de classe, e as possibilidades de refletirmos sobre um paradigma emancipatório no campo de uma visão político-pedagógica capaz de dialogar com as organizações populares, estabelecendo relações de poder pautadas democrática e coletivamente na construção entre as chamadas vanguardas históricas e as classes populares.

O período atual nos reserva uma perspectiva contínua de reinvenção das possibilidades de exercício do poder para dentro das atuais estruturas institucionais, concebidas sob o paradigma do estado moderno.

Há reflexões produtivas sobre o papel da atual representação, seus limites e possibilidades concretas quanto à promoção da emancipação das sociedades. Em minhas pesquisas, tenho buscado sintetizar o pensamento de Paulo Freire/freireano e de Dussel/dusseliano a partir das reflexões dos dois autores, suas proximidades no campo do pensamento e contribuições acerca do papel do estado, a relação sempre tensa entre lideranças e sociedade, estratégias de desenvolvimento e aspectos da emancipação em sociedades pensadas a partir do paradigma emancipador, servido de *bússola* para nos orientar na elaboração do presente capítulo.

O item deste capítulo é dedicado à abordagem sobre o papel da *Revolução Cultural* para Freire, enquanto conceito orientador de uma práxis reveladora de uma postura emancipatória na

relação entre as chamadas vanguardas e as massas. Justifico esta escolha, pois há uma forte mensagem, fundamentada em categorias epistemologicamente articuladas com o processo político pensado na lógica de um querer *ser-mais* dos sujeitos envolvidos. Seu enfoque categórico trata da relação entre oprimidos e opressores, e as mistificações existentes neste âmbito, justificadas em um estado de coisas, pautado no amoldamento das consciências de sujeitos tratados como objetos da política. Na produção da vida humana, Freire inclusive, denuncia este paradigma de dominação e legitimação de marcos regulatórios do mundo do trabalho.

Os saberes adquiridos verticalmente entre os “autorizados” e os “aprendentes”, nos oferece uma dimensão da produção humana pactuada manifestamente com contradições surgidas em processos coletivos cujos limites, nos exigem conscientemente, o movimento de busca da emancipação societária.

Fechando este ciclo reflexivo¹¹, surgem as organizações populares frente ao desafio de fazer valer o *necessário* e coletivamente produzido do ponto de vista dos projetos sociais, comprometidos com a classe trabalhadora, trazendo reflexos profundos nas formas de apropriação de seu fazer. Nesta “roda-viva”, o trabalhador sujeito de sua própria história, surge não mais como objeto da história, mas sujeito desta, em um projeto de sociedade pensado a partir de uma *revolução cultural*, fruto do diálogo, parida para ser construída com as massas; Este novo projeto de sociedade, necessita de releitura constante para ser dinâmico e apropriado por estas, pois como perspectiva de política pública entendida como práxis política, para ser coerente, deve ter compromisso com o povo.

Abrindo uma janela neste diálogo, trago Enrique Dussel, que nos aponta reflexões de como se dá a lógica da perspectiva do encobrimento do outro, enquanto pressuposto do interesse do império, ao mesmo tempo, o autor nos faz uma narrativa sobre o outro negado enquanto identidade. O indígena, os negros, latino americanos são encobertos como o outro e negados, são apresentados como “bárbaros”, desprovidos de toda identidade e direito face ao “civilizado”.

¹¹ *Pedagogia do Oprimido*. Paulo Freire.

Este tema do Outro, das diferenças, dos elementos que podem dissolver ou questionar a identidade dos indivíduos, agentes ou grupos constituídos, é central quando analisados sob a ótica daqueles que são colocados na perspectiva de uma exterioridade¹² que desacomoda, sendo estratégica pelos seus pressupostos do ponto de vista do debate teórico e filosófico atual. Existe um campo que propõe uma noção aqui contestada, de que a razão possui elementos que a identificam como intrinsecamente totalitária, inclusive na versão emancipatória que o movimento socialista herdou do iluminismo, negando a possibilidade até mesmo de um verdadeiro diálogo entre os diferentes.

Em contraponto a visão dominante surge a figura do Outro, da relação de alteridade presente em tantos aspectos do mundo da vida, cada vez mais no centro da reflexão de outra corrente de pensamento. Este campo reivindica uma postura emancipatória, em diálogo com a modernidade pela mesma ter um conceito emancipador racional que deve ser defendido, ao mesmo tempo em que também cria, desenvolve e oculta um "mito irracional" de justificação da violência sobre os diferentes, que deve ser negado e superado. Neste desvelamento do mito da racionalidade iluminista, que é inseparável da constituição da própria modernidade e que sempre fez dos latino-americanos vítimas da modernização de recorte ideológico capitalista, Dussel aponta para a necessidade de superação de um ethos de perfil cultural dominante, na relação construída historicamente entre a Europa, enquanto centro do mundo e a periferia considerada atrasada.

4.1 Pressupostos iniciais para uma Revolução Cultural: O reconhecimento do processo de mistificação das massas

Paulo Freire propositalmente relaciona a diferença entre o pensar do senhor, no sentido autoritário da palavra, em equidistância com o pensar emancipador, acúmulo das massas enquanto experiência, experienciada por estas mesmas. Para o processo de apropriação estratégica

¹² A exterioridade é entendida para Dussel, como reconhecimento das diferentes identidades, principalmente, se pensadas a partir dos interesses dos oprimidos por um sistema tutelador, eurocêntrico e

do papel do estado, ou qualquer outra forma não-estatal por parte do(a)s trabalhadore(a)s, deve haver uma sinergia entre as massas e a chamada vanguarda¹³ dos processos.

O primeiro passo sem determinismos na análise está na maneira como enxergamos o Outro. A relação dialética que a perspectiva do rompimento gradativo dos mitos orientadores de uma chamada *absolutização* da ignorância dos historicamente oprimidos. O dizer a palavra para a liderança revolucionária, é uma condição, para a superação do paradigma imposto das massas ignorantes, inabilitadas a exercerem seu protagonismo político. Para entender melhor os pressupostos da teoria freireana sobre sua reflexão acerca de uma pedagogia da Revolução Cultural, apropriei-me de algumas questões levantadas em sua obra, Pedagogia do Oprimido, compreendendo as mesmas, no sentido de estabelecer nexos a partir de contraditórios constitutivos para a definição de propostas tanto do campo emancipador, ou da teoria dialógica, quanto na perspectiva opressora, ou anti-dialógica, divididos em 08(oito) conceitos colhidos, conforme seguem abaixo no quadro comparativo:

Ação Dialógica	Ação anti-dialógica
1) O diálogo com as massas populares passa a ser a condição para a revolução autêntica. 2) Os oprimidos passam a ser sujeitos da política. 3) A liderança revolucionária não pode pensar sem as massas, nem para elas, mas com elas, 4) Ciência e tecnologia são usadas para um projeto libertador, onde os oprimidos são tratados como sujeitos do seu fazer 5) Busca-se uma pedagogia problematizante 6) Humaniza econômica e culturalmente. 7) Busca a unificação dos trabalhadores, a partir de sua auto-organização, autônoma e sem intervenção verticalista de uma patronal.	1) O diálogo se dá para as massas de forma verticalizada. 2) Práxis que reduz aos oprimidos em objetos da política 3) O dominador nega as massas o seu direito a dizer a palavra, de pensar certo. 4) Ciência e Tecnologia são utilizadas para reificar os oprimidos. 5) Parte de uma pedagogia depositária e bancária. 6) Oprime econômica e culturalmente 7) Nega o direito a organização da classe trabalhadora, dividindo-a, a partir dos interesses de classe da patronal. 8) “A mistificação” é o instrumento de dominação da classe trabalhadora, que se dá pelo amoldamento da consciência via

negador da existência do outro, enquanto manifestação da diferença entre os diferentes sujeitos.

¹³ Paulo Freire cita Lênin, quando traz sua reflexão sobre a necessidade de toda teoria revolucionária, não poder prescindir de uma prática revolucionária.

8) Os dominados emergem do processo de dominação imposto pela manipulação das classes dominadoras, a partir de sua consciência de classe e revolucionária. .	elementos como a manipulação, sloganização, depósito, invasão cultural e a divisão,
--	---

Para a liderança comprometida com a emancipação a denúncia da *sloganização* é condição necessária para refutar a aceitação deste padrão de comportamento, Freire alerta para duas possibilidades: a) os oprimidos “deixam-se” depositar por conteúdos depositados neles, e b) em situações de necessária resistência, quando não bem preparados do ponto de vista de sua conscientização, qualquer “palavra” pode tornar-se uma ameaça capaz de fazer manifestar-se o opressor hospedado dentro de si. Esta constatação implica em afirmar ser necessário construir-se nos processos políticos, portanto pedagógicos, uma relação de aprendizado dando conta de superar a opressão “interior”, subjetivamente semeada, como condição de construção de imaginários populares condicionados a visão opressora de mundo.

Em São Leopoldo, a busca de uma identificação das reais possibilidades de práticas emancipatórias existentes nas ações do arroio Kruse, pode confirmar os compromissos desta práxis, sua capacidade de ser dialógica, e como esta pressupõe a participação da comunidade envolvida. Alguns enunciados da SMC – Secretaria Municipal de Cultura, CAMP – Centro de Atendimento Multi-Profissional, as instâncias oficiais que propõe a relação entre comunidade e política cultural podem ser vistos enquanto não lineares, simplistas, como provavelmente verificaremos, será a partir desta noção que tiraremos as conclusões sobre os valores construídos nesta prática de origem governamental e seus reflexos junto a comunidade.

4.2 A dialética, Antialogicidade e dialogicidade, desafios da práxis emancipadora

O novo da revolução é um processo permanente, não um mero divisor de águas entre o antes e o depois¹⁴. Deve haver uma superação permanente do reconhecido velho, enquanto limite para uma sociedade emancipatória num processo dinâmico e não estático¹⁵.

¹⁴ Conforme quadro expositivo neste artigo, página 03.

Para entendermos categoricamente o pensamento freireano a partir deste debate, colhido em um período de busca de ressignificação das esquerdas, a *Pedagogia do Oprimido*, reforça a necessidade de compreendermos o significado da anti-dialogicidade como práxis a ser superada, pela negação do movimento dialético.

Na antidialogicidade a opressão se dá econômica e culturalmente. A *morte* do outro, privado de seu “ad-mirar”, é obra do opressor cujas relações com o mundo busca mistificar. O oprimido é “ajustado” a um mundo não problematizado, um falso mundo para as massas populares, construindo-se a reificação dos homens pelo *Conquiro*. Os mitos geradores são afirmados e expressos em ditos populares: “*sabe com quem está falando*”, entre outras “*sloganizações*”

Há um compromisso histórico, portanto, de afirmar a chamada *Revolução Cultural*, fruto da busca por uma *síntese cultural* (FREIRE, 1994, p. 15), implicada em uma prática permanente de transcendência clara a constituída por uma *comunidade de comunicação*, inclusiva por admitir enquanto conceito uma relação permeada pelos significados, ressignificantes de uma vida coletiva, pensada solidariamente pelo coletivo.

Há uma antítese dada entre proposta dialógica e anti-dialógica. Na superação da anti-dialogicidade e suas contradições, traduzimos sistematicamente a partir de uma prática emancipadora alguns temas sobre a mesma: a) Nesta, os oprimidos passam a ser sujeitos da política, pois ao passo em que é convidado a participar protagonizando com sua história pessoal, há uma construção democrática dos processos; b) o papel das lideranças deve ser o de tratar as lutas coletivas abertamente e participativamente com os setores representados, onde o exercício do poder estabelece-se horizontalmente; c) a produção do conhecimento científico e tecnológico, precisa ser apropriado pelas camadas populares, pode-se afirmar sobre a existência de uma ciência dita popular, sobre a qual, reside esperanças de construir-se o conhecimento pautado nas necessidades das massas; d) há uma afirmação que parte da realidade cultural dos sujeitos que em um processo dinâmico e permanente de emancipação se dá também do ponto de vista da base econômica das comunidades envolvidos.

¹⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38.ed. pág. 77. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004

4.3 O mundo da produção humana e as contradições a serem superadas

A *divisão* segundo FREIRE em Filosofia do Oprimido, é um processo onde os opressores afastam a possibilidade de investir-se na unificação das massas, a visão focalista é freqüentemente empregada, ocultando a totalidade dos fatos. Esta pulverização em se falando no mundo do trabalho é bastante empregada em modelos empresariais voltados às chamadas formações para lideranças, lhes conferindo algumas “qualidades” para os líderes reconhecidos no processo. Paradoxalmente neste movimento, a harmonia é possível aos opressores, pois mesmo diante de suas contradições latentes, buscam em situações limite para seus interesses de classe, unificarem-se para fazer valer suas prerrogativas.

A perspectiva pedagógica dominante aparece na postura de profissionais atuais imbuídos de uma visão tecnicista, tendo ao povo como um ente ignorante e pronto a receber esta espécie de conhecimento, “legítimo” e “legitimador”, constitutivo de uma visão de mundo em que apenas estes profissionais é que sabem o que é o certo para as chamadas pessoas do “senso comum”. Este “profissionalismo” descrito é submetido à cultura do êxito e sucesso pessoal.

As mistificações no modo de produção humana trazem a velha reflexão sobre a alienação da classe trabalhadora frente ao seu fazer, fetichizando as relações humanas assumidas pelo modo de produção capitalista, enquanto mercadorias em movimento. Uma das questões emergentes sobre as posturas político-pedagógicas dos proponentes das políticas públicas, diz respeito a forma como estas dialogam com o universo da existência plena dos sujeitos, onde o estético, a dimensão coletiva e laboral de sociedade aparecem como indicativos no campo da reflexão sobre estas ações também educativas, tendo capacidade tanto para emancipar como *amoldar* as consciências frente ao desafio de uma pedagogia humanizante das relações, quebrando o atual ciclo da *maquinização* do homem.¹⁶

A divisão no seio da classe trabalhadora, como tática necessária, aparece na intervenção patronal junto às entidades representativas de classe. A escravização do trabalho do(a)s trabalhadore(a)s, o trabalho não livre, torna-se reificador do homem, pois não contribui com sua própria criação do mundo, um mundo humano, assumindo uma face ameaçadora (ameaça da

¹⁶ Conceito *Marxista do Homem* de Erich Fromm.

perda do emprego, assédio moral, etc.) É imperativo para os opressores dividir a operários, camponeses e estudantes, não constituindo mais uma classe. Freire nos afirma haver uma postura de “benevolência” na relação com os oprimidos, quando os opressores assumem seu messianismo, mas esta promoção do “bem” somente é voltado pela sua classe, a partir de seu poder da conquista.

A manipulação é outro instrumento potente de dominação da classe dominadora haja visto todas as dimensões da teoria anti-dialógica girarem em torno desta, sendo conformadora tornando ingênuas as massas populares, a partir de mitos, como os grandes pactos sociais para a conciliação das classes. A “consciência revolucionária” e a “consciência de classe” são conceitos a serem apropriados pelos dominados “emergentes” do processo histórico de manipulação imposto pela classe dominante. O populismo é um exemplo lembrado como um aspecto da manipulação, pois o populista transita junto a dois seguimentos: as oligarquias, e a própria classe trabalhadora. O seu trabalho é assim indispensável aos dominadores, pois em última análise opera em favor destes.

O assistencialismo e a “conciliação” de classes são traços marcantes e presentes na legitimação destes governos, mesmo aproximando-se discretamente das massas populares, e de seu potencial mobilizador e organizativo, vêm-se em momentos históricos apartados de sua legitimidade enquanto legisladores e detentores de cargos públicos, vide o caso de Getúlio Vargas e seus últimos momentos no poder, com seu triste desfecho, por ter minimamente se “comportado mal” junto às elites nacionais.

A *invasão cultural* surge como outro elemento da teoria anti-dialógica frente ao contexto cultural das massas populares, sendo imposto suave e pesadamente por invasores, impositores de sua cultura, ou seja, promovem a opressão cultural do povo, refém desta prática, perdendo sua originalidade e autenticidade. A invasão possui dois aspectos: 1) é dominação e 2) é tática de dominação. É uma forma de dominação econômica e cultural dos oprimidos. É coerente com duas propostas, sendo a anti-dialógica e ideológica, tratando ao dominado como ser inferiorizado, pois sentir-se inferior é o papel destinado ao invadido culturalmente. A este o pensar do invasor lhe molda e mimetiza seu comportamento, expressando-se como valor ideal de vida a ser perseguido. O ser é alienado da cultura pela ação do invasor, o ser da cultura invadida é tornado

dual. A percepção de mundo pelo “eu oprimido” a partir da invasão cultural, na qual este é objeto do “tu opressor” não interessa a este tipo de visão invasora.

Quanto ao papel jogado pelas instituições, submergidas nesta escuridão programática, a mesma de caráter dominadora, reprodutora continua desta relação, a invasão age enquanto medida de uma ação cultural. Busca na ciência e tecnologia formas de perpetuar sua dominação e determinação do passado, presente e futuro das sociedades fazendo valer seu papel jogado no processo.

Há reflexos culturais no exemplo da relação pais-filhos, estando muito presentes nesta postura opressora. Erich Fromm¹⁷, observando os espaços da *necrofilia* e *biofilia* a partir desta questão, percebeu os padrões rígidos de nossa sociedade, na condição do não pensar do(a)s educando(a)s, a partir de uma relação do saber verticalizada, onde a autoridade paterna aparece em toda sua retumbância. Esta relação não se dá obviamente sem que existam os conflitos geracionais.

4.4 Desafios possíveis para uma cultura libertadora

Para uma pedagogia problematizante, não depositária, libertadora, quanto mais a revolução exija sua teoria, mais a liderança deve estar com as massas populares, para estar contra o poder opressor.

O tema da cultura apresenta aspectos estratégicos para nossa reflexão exigindo uma compreensão da: a) supra-estrutura, capaz de manter na infra-estrutura, revolucionariamente transformando-se, “sobrevivências” do passado e b) o quefazer mesmo como instrumento de transformação da cultura. O processo revolucionário é ação cultural dialógica prolongada em revolução cultural. Com a chegada ao poder, os homens passam da condição de objetos a sujeitos da história, a partir de uma práxis enquanto ciência popular.

¹⁷ FROMM, Erich. *Conceito Marxista de Homem*. 5. ed. Trad. Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

A fundamentação da existência onipresente de uma cultura tuteladora das sociedades “europeizadas” pela cadência dominadora perpetrada nas “terras prometidas” pelas monarquias modernas, nos remete ao quanto esta influência balizou a formação dos sujeitos latino-americanos nestes marcos. Nas pegadas desta dominação, seguiram-se outros movimentos culturais despóticos, entrelaçados com o poder vilipendiador do capital, agora financeirizado, onde até mesmo a COP 15¹⁸, tão alardeada Conferência da ONU sobre mudanças climáticas, é tragada por este movimento cujo ciclo e dinâmica, fazem parecer risíveis os motivos pelos quais o império não cede em seus motivos expansionistas.

No contraponto desta corrente, denunciada pelo seu feroz compromisso com a depredação planetária, identificamos a necessidade de fazer-se aceitos os pressupostos desta exploração, a partir de uma postura cultural, com fortes vínculos atados categoricamente a uma visão programática permeada por um imaginário tomado por expressões, manifestações e formas de linguajares apropriados a ocuparem os corpos e mentes conscientemente ou não com o outro ser, o invasor. Há um processo de possessão, a pedir cada vez mais almas para arregimentá-las a um “grande exército” de homens e mulheres que passivamente, e mesmo resistindo à destruição de suas vinculações mais profundas com suas terras, sua ancestralidade, a mercê do apagamento mais profundo de suas identidades, pois a miopia é o destino dos “bem comportados”.

Ao fazermos nossas próprias histórias, parece estarmos sozinhos neste terreno da desvinculação deste devorador dos sonhos e realizações coletivas chamado “Deus mercado”. Mas a solidão parece ficar cada vez mais tênue, quando nos enxergamos em processos construídos cada vez mais coletivamente, é no pequeno movimento para dentro de nossas comunidades, em ações muitas vezes pensadas a saciar a fome dos mais necessitados, ou até mesmo quando participamos de marchas marcadas por sua trajetória na luta pelos sem voz, rosto e até mesmo um quinhão de terra para a sobrevivência de pequenos núcleos familiares, é que encontramos sentido, sempre marcados por uma visão pedagógica emancipatória.

¹⁸ COP – Conferência internacional, constituída para uma tomada de ações em escala internacional, em defesa do meio-ambiente, assinada por países signatários deste acordo. Os EUA, reacionariamente, negaram-se a validar na totalidade este acordo, apresentando diversas emendas ao mesmo, o que interferiu em sua qualidade, haja visto que o fracasso da Conferência, foi evidente, causando grande desesperança na opinião pública mundo afora.

Os autores escolhidos para dialogar com o tema da pesquisa contribuem para um horizonte teórico da emancipação latino-americana, que buscam questionar a visão antecipada e dada no campo dos valores ético-político, moral e cultural que buscaram sempre traduzir o mundo primeiro sob o olhar do colonizador europeu, com clara doutrina enunciada no séc. XVI, depois com um recorte de inclusão da pretensa pauta da defesa dos Direitos Humanos, proferida pela ONU na metade do séc. XX e atualmente na prerrogativa da implementação e garantia de regimes “democráticos”, que devem ser espalhados pelo mundo, segundo a visão do Conselho de Segurança Mundial da ONU.

4.5 A cultura popular como instrumento de emancipação: O horizonte das políticas públicas emancipatórias

Neste ítem, procuro de uma maneira mais genérica e não específica analisar os elementos existentes na cultura popular da região as margens do Arroio Kruse na cidade de São Leopoldo, parte Leste/sudeste da cidade. Busco referências desta cultura popular no papel afirmativo destas manifestações e de seu papel agregador no sentido da construção de identidades ao mesmo tempo em que afirmam o protagonismo dos sujeitos envolvidos nestes processos.

A região de ocupação urbana do entorno do arroio Kruse, possui aproximadamente 40 (quarenta) anos de existência, sendo historicamente reconhecida pela característica identitária principal de ter sua formação ligada ao processo migratório da cidade de São Leopoldo, conforme a descrição feita anteriormente. A “grande” região da Feitoria, foi predominantemente povoada por uma população de afro-brasileiros e mestiços. Em sua organização comunitária, a região de São Leopoldo, estudada neste trabalho, tem presente em seu cotidiano uma grande articulação de entidades da sociedade civil organizada, em um conjunto expressivo de Associações de Moradores, ONGs, Sindicatos, entidades religiosas, perfazendo aproximadamente 70 (setenta) entidades que organizam-se em torno de uma rede bastante representativa e participativa, haja visto o volume de ações ocorridas a partir destes setores no envolvimento com a comunidade que representam.

Para problematizar com esta conjuntura, e com o tema central da pesquisa, nesta parte do trabalho, dialogo primeiramente com a categoria da Revolução em Freire, com os aspectos da exterioridade em Dussel. Mas sinto a necessidade também de compreender o papel da cultura vista a partir de projetos populares em curso, encontro em Eduardo Galeano uma inspiração reflexiva de uma ordem não acadêmica, mas significativa pelos seus elementos oferecidos.

Há uma noção genericamente empregada pela Secretaria Municipal da Cultura sobre o significado dos chamados *bens culturais*, os mesmos divididos entre bens imateriais e imateriais. A materialidade da vida concreta das pessoas a serem beneficiadas pelas ações de arte-educação dentro do PAC pode nos indicar os pressupostos da ação de governo neste momento. A relevância desta reflexão que provoço, se dá a partir do conceito de *Revolução Cultural* e de como esta foi vista por Freire. A mesma em síntese é fruto de uma práxis, antecessora da chegada ao poder dos que desejam construir uma chamada *nova ordem*, Justa e digna as maiorias.

Portanto, cabe nos perguntar-mos, qual a postura dialógica existente neste processo, e quais seus compromissos? O ser social, ou a revolução para Freire, prescinde da necessidade da busca de todo potencial deste mesmo ser, isto, enquanto ação cultural¹⁹ efetiva.

Eduardo Galeano nos oferece uma boa reflexão sobre a ação cultural emancipadora. Em *O descobrimento das Américas* (que nunca houve), o autor sustenta um conceito da ação cultural, onde os sujeitos desta ação, considerados protagonistas da mesma, tem uma relação *com* suas culturas, postulando a condição de sujeitos não alienados de si mesmos, a partir de uma perspectiva cultural libertadora, que promove um ethos social livre da coisificação do homem, enquanto pressuposto emancipador.

Outro aspecto importante para esta reflexão, tem haver com o papel das chamadas culturas da ancestralidade, a medida que as questões identitárias merecem nossa atenção, pelas expressões culturais presentes nos contextos que estudamos, e pelo perfil das lideranças e comunidades destes processos. Em alguns casos, há exemplos de perfil emancipador, postulando práticas educativas e participativas, propiciando manifestações culturais bastante intensos na vida

¹⁹ Para Freire o ser cultural, ultrapassava a noção estática de ser das artes, ou do diálogo oura e simples com o universo das linguagens artísticas. Os homens são criaturas de uma manifestação plural em seu

das comunidades estudadas. Este viés de recorte protagonista destes sujeitos do fazer história neste contexto, encontra inspiração a partir da seguinte afirmação:

...simultaneamente outra cultura, insurgente, vai desencadeando a capacidade de compreensão e criação das vastas maiorias condenadas ao silêncio. essa cultura de libertação se alimenta do passado, mas não acaba nele. Vêm de muito longe, alguns dos símbolos de identidade coletiva capazes de abrir, aos latino-americanos do nosso tempo, novos espaços de participação, comunicação e encontro, mas estão vivos na medida em que vão sendo movidos pelo vento da história (GALEANO PÁG. 04 1990)..

A *Cultura Popular* contrapõem-se aos modelos “prontos”, enquanto cultura de massas, tipificadamente de consumo industrial manipuladora em um contexto de atuação bastante expressivo. Este modelo possui uma inserção massiva, e se investigarmos um pouco mais, podemos concluir da existência de uma complacência estatal, a medida que o próprio estado não exerce uma função emancipadora, ou nas palavras de Galeano libertadora. A mercê dos grandes mercados, o aparelho estatal não tem a prerrogativa regulatória das relações comunicacionais das sociedades, as mesmas de caráter cultural, atualmente, associadas aos interesses corporativos de necessidades ditadas pelos grandes mercados.

É possível observarmos relações culturais históricas de autodeterminação em alguns exemplos percebidos em nosso estudo de caso. Há um compromisso de setores amplos da comunidade capazes de compreender plenamente no plano político cultural, o significado de seu fazer e de sua capacidade inclusive de formulação de políticas que, se tornando públicas, inspiram o poder público em seu diálogo e construção de propostas no campo da afirmação das diferentes culturas. Cito o exemplo recente da participação da Associação de Moradores do bairro São Cristovão, chamando um conjunto de entidades, como de prevenção as DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis, Casas de Umbanda e de afirmação da cultura afro-brasileira, propondo um projeto de biblioteca comunitária, posteriormente aprovado pelo Ministério da

sentido transversal, construídos por uma diversidade da esfera da vida, como a religião, política, economia, etc. enquanto uma totalidade de aspectos definidores de uma identidade cultural.

Cultura, com as implicações que este projeto importa para o cenário de seu atendimento, já que o acesso e fruição ao acervo conquistado no processo é livre, aberto e gratuito.

O estado em seu aspecto inoperante, pois está ligado aos interesses corporativistas, a serviço do chamado pensamento único, “uniformizador” da cultura popular impõe-se, monopolizando o uso da palavra e do conhecimento:

O monopólio do poder implicava, então, no monopólio da palavra, que a sua vez obrigava ao silêncio o chamado "homem comum". Era, e é, a apoteose da propriedade privada: não apenas as fábricas e a terra, as casas e os animais e até as pessoas tem dono: também os assuntos têm proprietário. A cultura popular, que vive nos campos e nas ruas, é sempre uma "opinião não especializada".(GALEANO. Pág. 07 1990)

Fica claro na citação, o papel da propriedade privada no exercício do poder, e sua relação com a tomada de consciência dos povos, refletido ainda na própria descrição. Este parâmetro da reflexão construída aponta as matizes de uma cultura opressora. A cultura popular ao contrário, propõe-nos um processo pedagógico emancipador, com compromissos e práticas sociais que geram um sentimento coletivo de apropriação do fazer humano, assumindo dimensões transformadoras.

A educação popular, em seu diálogo com as culturas populares, nos lega um sentimento de pertencimento dos sujeitos envolvidos não somente em suas práticas, mas também com aspectos relacionados à territorialidade, afirmações de gênero, etnia/raça, espaços de poder entre outros. Podemos citar mais um exemplo do contexto territorial estudado, a organização-não-governamental Anastácia. A mesma, dirigida por afro-brasileiros, propõe-se em um diálogo afirmativo do povo negro e de suas tradições, oferecer atividades de arte-educação tais como oficinas de dança e canto coral, com resgate da oralidade e expressões culturais africanas.

Em diálogos com lideranças envolvidas nas atividades, percebo que há um envolvimento de educando(a)s, em uma perspectiva do ser sujeito do aprendizado gerado, ao mesmo tempo em que afirma-se o papel de *desvelamento* daqueles antes negados em sua história, mas com plenas

possibilidades de refazê-la, agora permeada de um significado que dialoga com sua ancestralidade constituindo uma identidade com sentido de totalidade.

Para além dos dois exemplos que cito anteriormente, verifica-se quantitativamente uma gama importante de iniciativas na região com perfil de atuação no campo da educação popular, e que dialogam ao mesmo tempo com o tema da cultura popular, enquanto processo de tomada de consciência, e (re)construção das identidades.

Nesta parte do estudo procuro analisar os significados possíveis, mesmo em um estudo sucinto, de como em contraponto ao conceito da Cultura de Massas, surge à possibilidade de mesmo em um contexto de opressão vivida pelos povos latino-americanos, termos exemplos de possibilidades concretas de construção no campo das práticas sociais de comunidades promotoras da auto-afirmação em processos pedagógicos, de caráter emancipador, práticas sociais, via afirmação da cultura popular.

O entendimento do significado da cultura para nós latino-americanos, nos ajuda a refletir a partir de alguns teóricos, sobre a atual condição cultural dos nossos povos oprimidos, na atual situação expressa pelo campo ideológico dominante, então percebemos a necessidade da emergência de novos valores culturais, de soberania dos povos e afirmação das diferentes identidades.

Tenho percebido a partir destes referenciais, os fenômenos da educação em projetos de concepção que buscam superar uma lógica perversa, anti-dialógica e de negação da história de homens e mulheres, cujas identidades lhes foram roubadas neste processo histórico de espoliação e maltratos a cultura dos povos originários.

Trabalhando também com Enrique Dussel, percebermos de maneira mais clara, a postura de diálogo com o outro apresentado pelo mundo dito “civilizado”, eurocêntrico, que envolveu não somente a América, mas também a Índia, a Ásia e África, colocando-os sob seu domínio, isto gerou uma consciência do novo lugar da Europa no mundo, desenvolvendo-se um confronto com o seu outro, quando controla, vence, violenta o não-europeu. Define-se, assim, um ego descobridor, conquistador, violento, colonizador da alteridade constitutiva da própria

modernidade, que 150 anos depois começaria a ser teorizado filosoficamente (o *Discurso do método*, de Descartes, é de 1636).

Temos para o presente uma relação construída entre os europeus e "não-europeus", onde o outro aparece como sujeito dominado, por pertencer a uma periferia atrasada, onde a *ferro e fogo*, o centro moderno controla suas exterioridades. Nessa crítica vamos encontrar a Hegel, que nos apresenta os povos denominados *não-europeus* como desprovidos de direitos perante aqueles que têm um "direito absoluto", o europeu, civilizado, portador do "espírito" naquele "momento do seu desenvolvimento". Podemos encontrar reflexos desta construção, como no exemplo da falácia desenvolvimentista, pois a mesma por apresentar os outros povos e culturas como atrasados ou involuídos, devem ser vítimas em um processo de imolação no chamado *altar do progresso modernizador*.

Dussel nos inspira para questões de foco em nosso trabalho, pois a comunidade inserida nos processos até aqui apontamos, insere-se historicamente em um contexto, sobre o qual não restam dúvidas quanto ao imaginário cultural construído na cidade de São Leopoldo. A cidade possui setores pouco expressivos, que reivindica supremacia sobre o tema da 1ª vinda do processo migratório alemão, o que lhe confere o título de cidade berço da colonização alemã, este tema não aparece aleatoriamente, pois é uma pauta de 150 anos de um conjunto minoritário de uma parcela da sociedade leopoldense, que também contribui com o encobrimento de uma comunidade negra-índigena existente por estas terras antes mesmo de sua vinda.

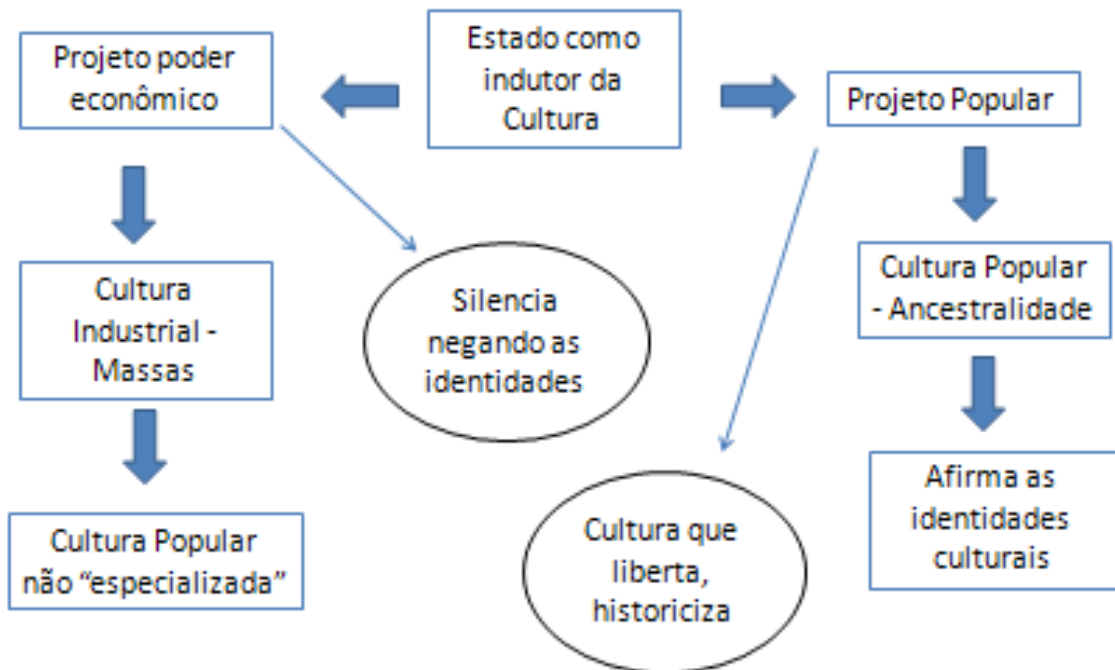
Podemos firmar que os elementos constitutivos de uma diversidade do ponto de vista da identidade e da construção de espaços legítimos de manifestação para as culturas populares, nem sempre estiveram presentes na construção da identidade do povo leopoldense, haja visto os relatos com os quais nos ocuparemos na coleta de informações trazidas para este processo. Neste sentido é importante trazermos, que o conquistador é considerado o "primeiro homem moderno ativo, prático, que impõe sua individualidade violenta a outras pessoas, ao outro".

Buscando um sentido amplo nestas questões apontadas, Dussel nos indica que saibamos ver os rostos dos índios, dos escravos africanos, dos mestiços, dos *criollos*, dos camponeses, dos operários e dos marginalizados que a constituição do povo latino-americano é um bloco social constituído pelos oprimidos que irão gerar sua própria cultura. Há uma necessidade neste marco

de cunho emancipatório para a América Latina, de tratar-se sobre o tema da superação da modernidade, não no sentido pós-moderno, mas apresentando um projeto de racionalidade que amplia a necessidade da razão do outro ter lugar numa comunidade de comunicação, onde todos os sujeitos possam participar como iguais, mas ao mesmo tempo no respeito a sua alteridade, ao seu “ser-outro”, enquanto identidade e sujeito histórico.

Em primeiro lugar, podemos concluir com Dussel, dá possibilidade real de superação do processo de “aculturação” no sentido político que a expressão possa nos remeter. Identificamos que esta imposição é parte da vontade conquistadora, expressa por uma vontade de poder, na qual o sujeito latino americano sofre a ação deste poderio expresso culturalmente na perspectiva filosófica e metafísica e cuja representação se dá historicamente, primeiro pelo papel desempenhado pelas cruzadas mundo afora, e segundo, no cenário contemporâneo, no qual os oprimidos calam-se diante do pensamento de origem do Atlântico Norte.

Em segundo lugar, abro o presente debate para as possibilidades de construção de um diálogo, feito a partir da voz do outro, ressignificada por uma filosofia autêntica (ver quadro abaixo) em um continente subdesenvolvido e oprimido cultural e filosoficamente. Na busca por uma nova interpretação ontológica, a função da filosofia no processo de libertação é insubstituível, pois nenhuma ciência, nenhuma práxis poderá jamais substituir a filosofia.



Nos processos culturais de cunho emancipatório em nosso continente, com quais tradições podemos dialogar pensando modelos de superação do atraso político e também com alguns avanços regionais observados? A categoria da exterioridade, enquanto paradigma pretende ser superação da ontologia, do universalismo abstrato da filosofia moderna européia, do manejo preciso, mas ôntico da lógica e da linguagem. A exterioridade pretende recolocar para toda a filosofia, passando pela lógica, ontologia, estética e política, o pensar a partir da condição do oprimido, o não-ser.

4.6 Conclusões sobre os autores

Tanto em Freire como em Dussel, é possível nos colocarmos uma pergunta, com possíveis enunciados: Qual o significado do paradigma emancipador, partindo da defesa das identidades dos oprimidos/colonizados?

Para Freire a *Revolução Cultural* pode ser defendida como o paradigma de superação destes termos, pois justifica-se pela busca do diálogo entre as massas e a vanguarda, consolidando a participação de todo(a)s nas relações de poder, pela existência permanente de uma auto-critização desta relação. A revolução cultural pretende ganhar força, repelindo os vícios impostos pela burocracia e a invasão cultural. O verdadeiro desenvolvimento desta visão está em oferecer uma proposta de natureza não dual, dando-se a partir dos seguintes pressupostos: 1) A existência de um movimento de busca, criatividade, tendo no ser mesmo fazedor o seu ponto de partida e 2) Esse movimento não se dá somente no espaço, mas junto ao próprio ser, do qual tenha consciência. Todo desenvolvimento pode ser transformação, mas nem toda transformação é desenvolvimento. Onde as decisões políticas, culturais e econômicas se dão fora da vida social, não há desenvolvimento, existindo uma dicotomia entre sociedades “modernizadas” e “desenvolvidas”, uma afeita a sua capacidade de construir a si própria a partir de índices duais, a outra a partir da dialogicidade verdadeira comportando um verdadeiro fazer em si desta sociedade.

Podemos destacar dois aspectos, um da conta da teoria político-educacional dialógica constituída em paradigma permeado de características, como Co-laboração, União, Organização e a Síntese Cultural, nesta perspectiva há dois, e não um eu, um conquistador e um conquistado. O diálogo é pressuposto para a colaboração, havendo a busca da adesão, como processo identificador da busca de auto-libertação, superando os valores intrínsecos a conquista. Se preferirmos a partir de Dussel pelo desmascaramento de relações opressoras e violentas impostas aos colonizados.

O outro aspecto a ser destacado, dialoga com o compromisso da teoria educacional dialógica, e suas reflexões mais profundas sobre esta experiência de práticas políticas de recorte popular, e seus compromissos decisórios e coletivos estratégicos a partir do poder público comprometido com esta visão. Estas práticas aliás, tem sido o grande desafio de uma corrente de teóricos prontos a defesa de um projeto de sociedade emancipada a partir de valores construídos nas marchas e lutas populares.

5 O DESAFIO DE INTERPRETAR O MUNDO VIVIDO DA COMUNIDADE DO ARROIO KRUSE EM SÃO LEOPOLDO

A pesquisa teve como referencial geográfico as margens do Arroio Kruse, no perímetro que percorre aproximadamente 2 km, contornando as regiões Leste/sudeste da cidade de São Leopoldo, envolvendo cinco comunidades (São José, Vila Born, São Cristovão, Buraco da Fumaça e Beco do Deco), este é o “centro” da nossa pesquisa. Pelo nível das informações e de sua quantidade, como esta pesquisa possui também recorte essencialmente qualitativo, houve a necessidade de formulação de um questionário semi-estruturado, para cada grupo de pesquisados (01 agente de governo, 06 (seis) membros da comissão de moradores, 01(um) educador do CAMP – Centro de Acompanhamento Multi-profissional). As demais estratégias deste processo de coleta de dados, busquei apontar anteriormente. Encontramos farto acervo disponível, constituído por fotografias, vídeos, materiais de divulgação, confeccionados pelos proponentes das oficinas, e que ilustraram trechos deste nosso trabalho, colocados na condição de anexos.

No limiar desta pesquisa, acabo compreendendo que a maior riqueza que a mesma pode me oferecer na condição de pesquisador, foi a de mais uma vez aceitar as circunstâncias as quais se apresentou permanentemente o objeto a ser estudado. Pois, em alguns momentos, os processos de organização das ações da cultura desenvolvidas pelo CAMP – Centro de Assessoria Multi-Profissional tiveram seus encaminhamentos iniciais previstos, sofrido mudanças bruscas, já que a comunidade que apresentava-se diante daquele cenário sentia-se motivada e apropriada para fazer contrapontos que entendia serem necessários aos processo.

O projeto de reassentamento foi se desvelando para a comunidade, assim como que para mim, a pesquisa foi me exigindo uma postura de releitura de minhas anotações, e o sentido da metodologia assumiu um contorno aberto, no qual a escrita relacionava-se aos fatos, a partir de minhas observações participantes, na relação com os sujeitos da pesquisa.

Quem pesquisa sabe que em algum lugar e de alguma forma terá de fazer seus registros. São notas em cadernos, gráficos, diários de campo, fotos, vídeos, entrevistas, além das imagens e gestos que simplesmente ficaram gravadas na memória. Enquanto isso, ou no fim, organizam-se essas notas e procura-se auscultá-las e dar-lhes sentido. A pesquisa é, como será

argumentado neste ensaio, um ato e uma forma de pronunciar o mundo (STRECK, 2005, p. 11).

Minha inserção militante e engajada, inclusive em algumas articulações que desenvolvia junto a alguns setores da comunidade, trouxe-me auxílio nas observações de campo. O fato de atuar na militância cultural, e compreender alguns sentidos da ação cultural já realizada no entorno do arroio Kruse, e seus reflexos, contribuiu para meu entendimento sobre os impactos que poderiam ocorrer na eminência de um processo de reassentamento das famílias do entorno do arroio.

Fiz uma escolha, creio que bastante consciente sobre o caminho a ser percorrido, na coleta e trato das amostras da pesquisa, e percebi dada a grandiosidade do fenômeno que envolveria a comunidade, ser preciso ter agilidade, ao mesmo tempo, procurando contextualizar e “recontextualizar” permanentemente minha escrita, haja visto ter encerrado o processo de coleta de dados, quase “as portas” do encerramento oficial das ações culturais do projeto²⁰.

Precisava encontrar uma relação, que fosse devida entre minha trajetória pessoal, a contextualização da realidade cultural primeiro da cidade de São Leopoldo, depois da região de ocupação do arroio, para estabelecer o nexo entre esta realidade geográfica, com um traço de identidade bem marcado e definido. as questões teóricas que levantei, me trouxeram a afirmação de convicções pessoais e no campo da leitura dos fenômenos que envolvem o conhecimento, pois mesmo na brevidade do conceito da Revolução Cultural tratada em Freire, e das questões que dotam o conceito do encobrimento de Dussel, é possível estabelecermos um entendimento conceitual sobre o paradigma de desenvolvimento social, defendido pela elite nacional, e seus reflexos sobre a subjetividade de nosso povo, principalmente os setores populares.

O aproveitamento das observações já citadas, dependia de um instrumento, utilizei-me de um chamado inventário de “registros”, como que um diário de pesquisa, ou de campo, que contivesse os registros de experiências relatadas em diferentes momentos da pesquisa. Precisava relatar em minha escrita, com clareza, objetividade a partir dos relatos, as experiências registradas, e um questionário semi-estruturado, para ser aplicado com os diferentes grupos, 06

(seis) lideranças comunitárias de diferentes regiões do Kruse (para termos uma pequena mostra descentralizada das diferentes realidades geográficas), de (01) um representantes da Secretaria Municipal da Cultura de São Leopoldo, e pelo menos 01 (um) representante do CAMP no processo.

Fica evidente, que o maior peso desta amostragem recai sobre os chamados “beneficiários” das ações culturais, pois busquei relacionar acertadamente os impactos que procurava nos processos de auto-organização de famílias que teriam acesso as áreas 1,2,3 e 4 (conforme imagem ilustrativa do loteamento) do conjunto habitacional *Nova Vida*, um conjunto de casas germinadas construídas a partir do projeto de reassentamento debatido com as comunidade em plenárias abertas e de livre adesão. A síntese desta procura, apresenta-se na pergunta: É possível identificar nas práticas da Descentralização da Cultura na comunidade do arroio Kruse um estímulo à organização comunitária?

Partindo da pergunta acima e após diversas trocas com meu orientador, banca de qualificação, o(a)s colegas de grupo de orientação, fortaleceu em mim a convicção da necessidade de conciliar o objeto da pesquisa (as ações culturais no arroio Kruse) e o foco voltado para as perspectivas de emancipação das classes populares. Precisava de referências históricas, em Lukács (1989, p. 19-20) obtive boas contribuições. Pois para o autor, o passado cumpre importância fundamental na construção do conhecimento. Os acontecimentos do cotidiano, sem perder de vista que devemos também fazer escolhas prioritárias para buscarmos entender algumas relações. A partir de meu contato com as diferentes relações existentes na pesquisa, e reconhecendo alguns de seus fatos, poderia tranquilamente concluir, que meu entendimento frente a outros entendimentos, gera um “reconhecimento” dos fatos, e quanto a isto, todos que produzimos pesquisa temos acordo.

No momento seguinte, quando confronto os fatos as minhas observações, há uma modelação da realidade, podendo gerar distorções quanto ao objeto observado, e procurei a partir desta preocupação, ter em vista um sentido para a pesquisa, para o qual precisava afastar a possibilidade de não possuir a clareza necessária para uma atividade intelectual deste porte, existir partindo de um domínio substancial do passado, ou dos fatos vividos. O instrumento que

²⁰ Conforme gráfico do calendário, em março de 2011.

intitulado de *inventário de informações*, contendo a apreensão da realidade estudada, posteriormente selecionada, para após uma leitura detalhada, foi processada na forma de minha escrita, sem perder de vista o compromisso com uma metodologia que pressupõe, a maior clareza possível sobre a narrativa dos fatos.

Meu desafio foi o de procurar estabelecer a relação entre escrita e os fatos, de maneira que tivesse uma “prova” da realidade estudada. Para alcançar este objetivo, precisava entender quais as condições me eram necessárias para chegar a esta condição. Havia outras condições já colocadas no processo, e precisava ter uma leitura apreciativa destas, sem perder de vista a necessária criticidade que este movimento implicava.

Com a intenção de qualificar minhas observações, levei em conta de que não conseguiria ter o passado integralmente nas mãos, admitindo no processo de pesquisa, ser importante antes de tudo, entender o passado como categoria ligada ao territorial, ao meu foco de pesquisa. Sobre o passado, existe uma memória, que não poderia negá-la em suas partes, procurei assumir diante desta posição, um compromisso com uma técnica a serviço de um resultado cuja totalidade dos conceitos, e fragmentos da realidade, pude presentificar comprometidamente, e prioritariamente com os sujeitos da ação da política estudada, os moradores, as famílias participantes da ação do poder público. Estes, com suas necessidades, vontades muitas vezes ligadas a questões históricas da área anteriormente ocupada, como na fala abaixo, suscitando a necessidade do estímulo a leitura, antes presente na vida dos reassentados, a partir da biblioteca comunitária constituída na área do entorno do Kruse. .

A biblioteca é uma coisa que também envolve adulto e criança. Tem literatura, tem livros que a gente pode utilizar com frequências. Que nós precisávamos resgatar, resgatar essa cultura, pra nossa comunidade. Porque isso é muito importante, até pra nossa mentalidade, eu que já sou meio idoso, a leitura faz reanimar. Às vezes to lendo, pego na biblioteca do colégio. Gosto muito do Machado de Assis, as palavras dele são muito suaves. Têm umas que levantam o astral da gente (Sr. Antônio).

Em Bobbio (1997, p. 114), compreendemos não ser necessário termos “dote” extraordinária para sermos intelectuais, ou em última instância produzirmos ciência de cunho popular, mas alerta-nos sobre o risco que sofremos em não termos necessariamente metodologia em algumas manifestações deste campo, e reforça o compromisso em não desmerecermos este tipo de conhecimento não acadêmico. Na sistematização deste conjunto de reflexões que vou construindo na pesquisa, foi preciso buscar uma ordenação das coisas, buscando desviar também do campo meramente conceitual e da realidade idealizada, para assumir uma tarefa de compromisso factual com a pesquisa.

Na metodologia em questão, convicto de que dependia da construção de um chamado “domínio” das coisas como elas são no que diz respeito ao passado, busquei aplicar esta noção de forma intransigente aos fenômenos, e com o todo da própria metodologia. O “real”, em meu entendimento, não deve ser caricaturizado a partir das questões mundanas que se apresentam diante de nossos olhos, mas tratado devidamente, analisado na perspectiva do registro de compromisso com as partes, e de sua relação com a totalidade.

5.1 A inserção no campo empírico: os movimentos para coletar os dados

Quando do momento da aplicação do questionário em campo, formamos um coletivo a partir da representatividade regional dos moradores (foto abaixo) em suas áreas de origem para construir uma maior legitimidade no que refere-se à diversidade de olhares da comunidade. Precisava de olhares diferenciados, oriundos também de realidades geográficas distintas, mesmo com um proximidade territorial latente, definida por limites quase tênues entre estas diferentes comunidades.



Este mesmo coletivo, a partir de uma metodologia do grupo focal²¹, procurou responder basicamente a 03 (três) perguntas estruturadas a partir dos objetivos específicos, descritos abaixo:

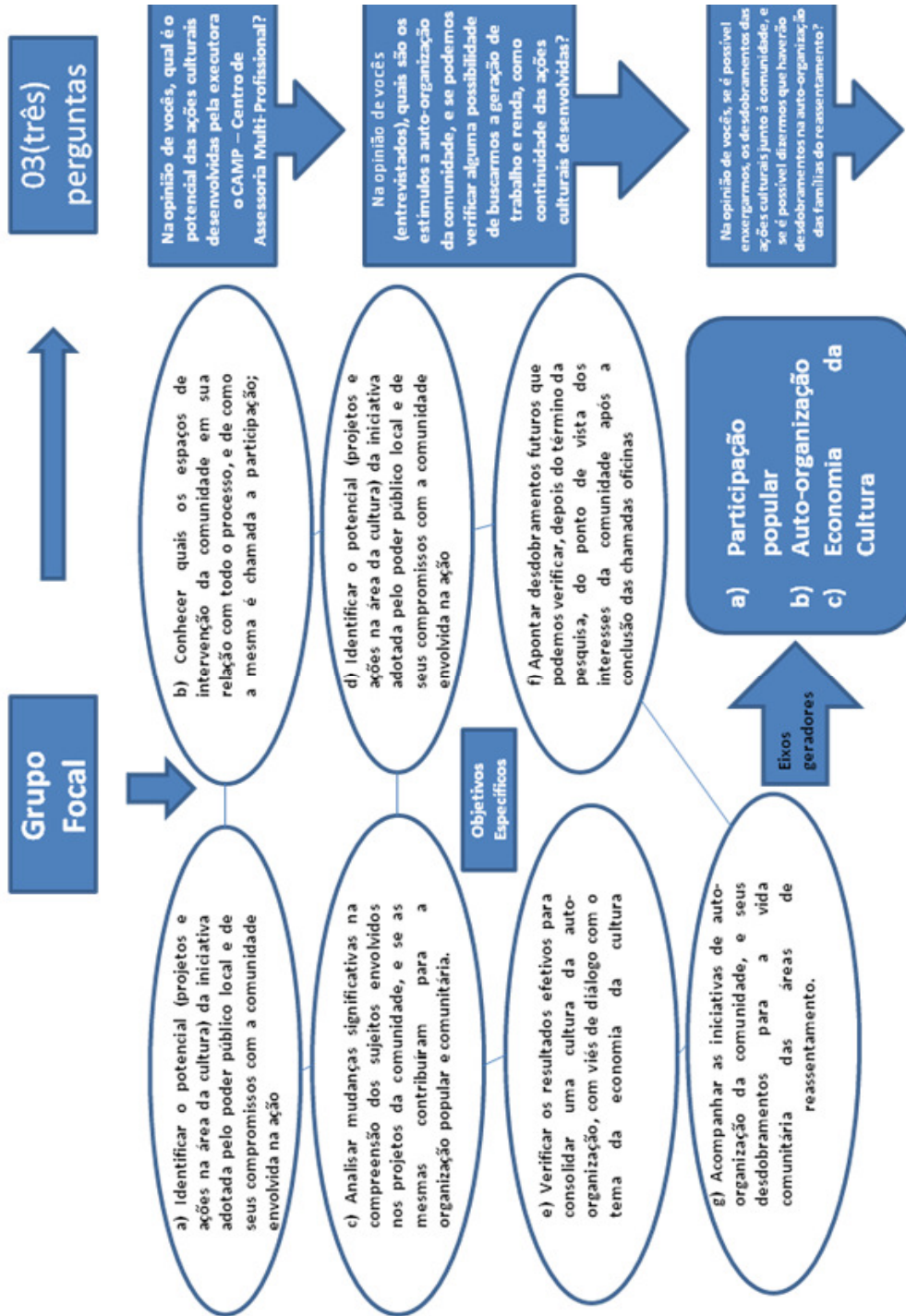
- a) Identificar o potencial (projetos e ações na área da cultura) da iniciativa adotada pelo poder público local e de seus compromissos com a comunidade envolvida na ação;
- b) Conhecer quais os espaços de intervenção da comunidade em sua relação com todo o processo, e de como a mesma é chamada a participação;
- c) Analisar mudanças significativas na compreensão dos sujeitos envolvidos nos projetos da comunidade, e se as mesmas contribuíram para a organização popular e comunitária;
- d) Verificar os resultados efetivos para consolidar uma cultura da auto-organização, com

²¹ Como técnica de pesquisa ou de avaliação qualitativa, não-diretiva, que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico sugerido pelo pesquisador, ocupa posição intermediária entre a observação participante e a entrevista de profundidade. Procurei na mesma um recurso para compreender o processo de constituição das percepções, atitudes e representações sociais do grupo de entrevistados. A interação que se estabelece entre os participantes, facilitou a discussão por justamente não realizar uma entrevista em grupo. Foi dada uma ênfase nos processo psicossociais que emergiram, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema.

viés de diálogo com o tema da economia da cultura;

- e) Apontar desdobramentos futuros que podemos verificar, depois do término da pesquisa, do ponto de vista dos interesses da comunidade após a conclusão das chamadas oficinas e
- f) Acompanhar as iniciativas de auto-organização da comunidade, e seus desdobramentos para a vida comunitária das áreas de reassentamento.

As perguntas do questionário buscam construir 03(três) eixos geradores, traduzindo nossa análise sobre a realidade em estudo. Assim, podemos a partir do fluxograma abaixo, identificar estes aspectos.



Agrupamos os questionamentos, partindo de alguns sentidos da pesquisa, focadas em 03 (três) diferentes momentos, sendo eles:

- a) Potencial das ações culturais, compromissos com a comunidade e espaços de participação comunitária,
- b) Estímulo a organização popular e comunitária e diálogo com a Economia de Cultura e
- c) Acompanhamento dos desdobramentos da ação junto à comunidade, principalmente aqueles de recorte auto-organizativo.

Explicitando a estrutura do questionário, inicio com a primeira pergunta. A mesma diz respeito à maneira como as ações culturais, em nosso caso específico, eram construídas em sua relação com a comunidade. A preocupação central é de identificar quais espaços de participação eram construídos, no sentido de se ampliar este direito a uma ação que buscasse ser efetiva na vida das pessoas, ao passo que levasse em conta suas construções de vida, opiniões e diferentes sensibilidades apreendidas. A pergunta foi dirigida ao grupo com a seguinte indagação: Na opinião de vocês, qual é o potencial das ações culturais desenvolvidas pela executora o CAMP – Centro de Assessoria Multi-Profissional?²²

A construção de segunda pergunta, surge a partir de algumas observações e preocupações sobre o método de atuação do poder público junto à comunidade a ser reassentada, e das perspectivas culturais de acúmulo de uma cultura auto-organizativa, de origem popular e comunitária, ao mesmo tempo que busca, partindo da realidade do mundo do trabalho de setores expressivos da comunidade - “Reconhecemos a dificuldade dos grupos populares em se organizarem, individual ou coletivamente para gerar renda. As ações de capacitação precisam ser combinadas com a evolução do processo de escolarização e de programas de apoio, tanto financeiros como pedagógicos. O CAMP realizou e continua realizando atividades de capacitação, ou de qualificação profissional, atendendo as sugestões demandadas pela comunidade, geralmente mulheres nas áreas das artes, decoração, confecção e alimentos”(João Werlang entrevistado do CAMP)” - , que carecem de possibilidades reais de uma inserção no

mercado de trabalho, sem terem portanto, possibilidades de gerarem trabalho e renda. A Economia da Cultura²³, é uma perspectiva cada vez mais concreta para trabalhadore(a)s em busca de alternativas de inclusão social, cujo tema é bem atual, gerando interfaces com outras áreas, a saber do Turismo de Base, Gastronomia, Artesanato, etc. Dadas estas questões nossa pergunta dirigida questiona: Na opinião de vocês (entrevistados), quais são os estímulos a auto-organização da comunidade, e se podemos verificar alguma possibilidade de buscarmos a geração de trabalho e renda, como continuidade das ações culturais desenvolvidas?

O último aspecto que estrutura o questionário, diz respeito a relação que desejo ter na condição de pesquisador com o grupo de moradores. Utilizando uma frase do livro *O Pequeno Príncipe*²⁴ “Nós somos responsáveis por aqueles que cativamos”, percebo que o movimento da pesquisa, produziu tanto em meu imaginário como das pessoas da comunidade, um sentimento recíproco tomado pela amorosidade, respeito e acima de tudo imparcialidade sobre os temas que conversávamos, pois procurei me colocar, como sujeito pesquisador, promovendo um distanciamento necessário entre quem propunha e quem era beneficiário das ações culturais. Paulo Freire ao pronunciar o diálogo como fonte necessária para a construção das relações de poder, cita a importância do amor em “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1987, p. 92): “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.”

Para constituir este movimento de compromisso futuro com o grupo e os reflexos do PAC para a comunidade, convidamos as pessoas a responderem a seguinte pergunta: Na opinião de

²² Eu procurei explicitar com mais detalhes a pergunta, sugerindo as pessoas se as oficinas e ações culturais tinham compromissos com a história cultural da comunidade e se existiam espaços de participação para as pessoas construírem as propostas.

²³ A Economia da Cultura, aparece assim como a Economia do Conhecimento (ou da Informação), parte integrante da convencionada *Economia Nova*, dado ao fato de sua origem produtiva e de circulação de bens e serviços sofrerem alto impacto das novas tecnologias. Ela é baseada nos processos de criação e não está atrelada aos paradigmas da economia industrial clássica, também não sendo sujeitada ao porte do capital. A inovação e capacidade de adaptação às mudanças são questões de primeiro plano a serem consideradas para a Economia da Cultura. O Ministério da Cultura possui em seus espaços digitais, informações constantes e atualizadas para serem linkadas, assim como publicações e o estímulo a conversas on-line sobre o assunto.

²⁴ Saint-Exupéry, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Editora Agir. 48ª edição. 2006

vocês, se é possível enxergarmos os desdobramentos das ações culturais junto à comunidade, e se é podemos afirmar que existe desdobramentos na emancipação das famílias do reassentamento?

5.2 Os eixos geradores: significando as falas

Recordo-me quando de minha experiência²⁵ no campo da alfabetização de jovens e adultos na cidade de Montenegro?RS, a partir de uma leitura do *Método Paulo Freire de alfabetização*²⁶, ser de grande importância poder trabalhar com conceitos-chave, para partindo destes, poder definir com maior clareza uma interpretação conceitual que dê conta de sistematizar as respostas e anotações em favor de uma melhor compreensão dos fenômenos pesquisados. Freire no 3º capítulo, a partir da página 49 sintetiza a metodologia dos Temas Geradores.

Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da situação ou da ação política, acrescentemos (FREIRE, 1987, p. 49).

Os eixos geradores podem nos inserir no universo cultural dos educando(a)s, onde “palavras-chave” são retiradas desta relação, movida pela pesquisa da realidade dos sujeitos. As palavras geradoras geram outras palavras, enriquecendo o vocabulário do(a)s alfabetizando(a)s, permitindo para além de uma pedagogia depositária, uma leitura de mundo, recriando criticamente seu mundo. O educador ou a educadora media esta relação dialógica entre o(a) educando(a) e os conteúdos temáticos que lhe são apresentados ou se apresentam a ele: “Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão, como a ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas” (FREIRE, 1991, p. 93).

²⁵ No ano de 2006, na cidade de Montenegro, fiz parte de um grupo de alfabetizadore(a)s contratados pelo SESI – Serviço Social da Indústria em convênio com o Ministério da educação, para atuar no programa nacional Brasil Alfabetizado. Atuei como alfabetizador de um grupo de 35(trinta e cinco) jovens e adulto (a)s da Vila Esperança e do bairro Bela Vista. Meu envolvimento com o grupo se deu desde o seu cadastramento, o processo dos encontros ocorridos geralmente em um salão de igreja e de uma liderança local, passando pela formatura ocorrida ao final do ano na sede da FIERGS na cidade de Porto Alegre.

²⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues (editor), O que é método Paulo Freire. São Paulo, Brasiliense, 1981.

Defini, a partir desta sistematização, três eixos geradores da pesquisa, sendo eles: a) **Participação popular** são as formas de participação existentes no processo de tomada de decisões, quais são seus fluxos comunicacionais, possibilidades de deliberação e seus recortes (qual sua origem? Popular ou institucional?), b) **auto-organização** que refere-se às possibilidades da experiência estudada, estimular a formação de instrumentos de auto-organização, tais como coletivos de moradores, associações de bairro, ONGs, etc. e c) **Economia da Cultura** se existem iniciativas sendo gestadas, ou se as ações culturais contribuíram com uma cultura de solidariedade e alternativa quanto o modo de vida das pessoas, com recorte econômico. A seguir, buscarei analisar as falas dos sujeitos pesquisados segundo os três eixos definidos.

5.3 Participação Popular

Interpreto que a condição para constituirmos um pluralismo com condicionalidades democráticas efetivas, e com um bom sistema de decisões, nos oferece uma experiência de desenvolvimento e possibilidade de adequar-se a divergências diversas neste movimento, e que pauta-se pela participação popular em seu mais alto nível, na possibilidade do Outro interpelar a realidade diante de si. Isto equivale afirmarmos ser possível construirmos instrumentos participativos abertos a *exterioridade* como elemento constituinte de uma ou mais identidades em permanente construção democrática, livre e auto-determinada. A totalidade apresenta-se em seus limites, onde os mesmos impõem limites a própria dialética, a superação deste limite se dá pela analética, assim superamos a totalidade rumo a outro sujeito,

A superação da dialética pela analética se dá abrindo caminho para a exterioridade da totalidade. O filósofo argentino Enrique Dussel, nos sugere dois momentos, o primeiro surge como discurso filosófico que parte do cotidiano rumo ao universal, e o segundo como filosofia científica. Há na efetiva dialética, o terceiro momento, onde percebe-se um ente “que é irreduzível a uma de-dução ou de-monstração a partir do fundamento [ontológico]: o ‘rostó’^{27 [4]} ôntico do

outro que, em sua visibilidade, permanece presente como tran-ontológico...” (DUSSEL, 1986, p.198).

A superação do método dialético é o momento analético, sendo crítico, mas ao mesmo tempo não o negando, a ciência não é negada pela dialética, assumindo-a e completando-a, dando-lhe seu valor justo e real. Portanto, é possível afirmar que a exterioridade é a negação da negação do sistema, a partir da afirmação da totalidade, sendo superação desta. A totalidade enquanto sistema de dominação é vista como atualidade daquilo que é potencializado no sistema. A partir da exterioridade supera-se esta totalidade, por contemplar aquilo que nunca esteve dentro dela. Para o sistema a exterioridade é a realização do impossível, até porque não havia potência para isto, realizamos assim o novo, o imprevisível para a totalidade, e para isto a liberdade incondicionada, revolucionária, inovadora e afirmativa do Outro deve ser referenciada.

A analética para a Filosofia da Libertação é um instrumento garantidor da presença de mais de um sujeito na totalidade, rompendo com o paradigma do ser uno na totalidade. Em um primeiro momento é tida como um método, mas deve-se ter o cuidado de não torná-la meramente formal, pois garante uma práxis ao movimento, buscando a constante relação com outro sujeito, abolindo-se a idéia de “senhores” do mundo enquanto totalidade.

Temos o desafio enquanto pesquisadores de perceber um elemento, mistificador, construído em um falso dualismo sociedade/estado, movimentos sociais/institucionalidade. Há estudos²⁸ atuais que nos colocam ricas experiências, criativas e que combinam estas diferentes dimensões em experiências de gestão pública. Existe uma dialética entre vida política institucional e a vida social, que pode renovar as experiências a partir de suas concepções iniciais.

Quanto às mudanças na organização do bairro, das lideranças – e a gente faz parte das lideranças do bairro –, houve um grande crescimento, até mesmo com as pessoas que tinham uma opinião diferente, né, de grupos que vinham também de regiões diferentes da cidade. E a gente acabou se unindo, vendo as necessidades que tá havendo dentro da comunidade (Antônio).

²⁸ Cito uma experiência nacional, desenvolvida por um grupo de pesquisadores ligados a UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, com resultados publicados, como na publicação *Experiências Nacionais de Participação Social*, pela editora Cortez, organizada pelo professor Dr. Leonardo Avritzer, associado ao Departamento de Ciência Política da UFMG.

O crescimento da condição política tanto individual, como coletivo pode ser observado nas experiências dos grupos, pois como constatamos na fala do Sr. Antônio, a relação institucional constituída pelo CAMP, propiciou um campo fértil de exploração dos sujeitos quanto aos conteúdos apreendidos nos processos participativos. A condição de superação das disputas “menores” cedeu lugar à noção coletiva de busca de entendimentos, o que poderia parecer pessoal, passa a ser entendido como resultado da diversidade de opiniões correntes entre os diferentes agentes dos processos participativos.

Há um outro movimento necessário, merecedor de nossa atenção, as propostas de gestão pública culturais precisam construir um enraizamento em suas ações, crescendo em dimensão cultural e territorial. Precisamos entender a diversificação da base social e cultural dos territórios para além das questões classistas tradicionais, acolhendo diferentes dimensões étnica/raciais, regionais, setoriais e de fundo religioso. A promoção dos setores populares e de sua chegada ao centro das decisões do chamado estado brasileiro, precisa ser entendida como um enorme desafio de caráter programático²⁹, onde há a necessidade de aliar-se uma forte unidade de ação e capacidade de gestão, que consigam dialogar com o tema da emancipação dos setores populares em um ambiente democrático, com seus limites é verdade, como é o exemplo brasileiro. Sabemos de antemão, que experiências mal sucedidas de gestão pública junto aos setores populares, podem significar um retrocesso para a luta popular em diferentes contextos.

Há outra questão, ponto de partida inclusive sobre as análises acerca do papel das camadas populares, e sua construção frente às barreiras políticas e históricas no que diz respeito a sua participação nas instâncias poder. A cultura popular, uma fonte difusa, vital de nosso povo, nos oferece uma possibilidade de interpretação ligado ao fato das festas populares serem um momento lírico que expressam a vontade de nossas comunidades.

“Ainda no campo da cultura popular, não podemos deixar de registrar a festa

²⁹ Paulo Freire referencia-se na necessidade de busca de um conteúdo programático para a ação política tanto de educadore(a)s, políticos, e as massas envolvidas nesta intenção, comprometida com uma visão construída a partir de uma relação dialógica, na concordância mútua deste diferentes agentes envolvidos neste processo (Paulo Freire, pág. 49) .

como espaço e lugar de cultura. E nesse sentido, temos o exemplo mais forte acontecido também entre os moradores reassentados no Loteamento Nova Vida na Feitoria. Exemplo de integração, de celebração e fortalecimento dos laços comunitários, de lideranças, de vínculos entre vizinhos, pressuposto entendido por nos como fundamental para a conquista e exercício de cidadania. O sentido da festa, trabalhado em encontros de formação entre educadores e técnicos do CAMP e lideranças das comunidades do Arroio Kruse, efetivou-se também como uma metodologia de trabalho. O resultado foi a realização da maior festa que as famílias já celebraram. Sim, celebraram, pois não apenas consumiram a festa, mas prepararam toda ela, desde a sua concepção, organização, mobilização, realização e avaliação. Convenceram-se que jamais deixarão de promover outros eventos festivos comunitários como o que fizeram.” (João Werlang – CAMP).

No território do Kruse, existem ações participativas e associativas, formadora de uma condição concreta que constitui o modelo de organização comunitária local. Os moradores do Kruse, historicamente, excluídos da vida política da cidade, e em busca de reconhecimento de sua dignidade, procuram neste momento das ações do PAC, oferecidas pelo governo municipal, uma nova condição a partir de suas manifestações culturais. João Werlang afirma:

- Nesse sentido, atividades que concordem com a linha da manifestação espontânea, étnica a que referimos acima, eminentemente dos negros e pobres, a capoeira passa a ser um resgate e valorização importante nesse contexto, além de ser uma expressão da cultura brasileira como um todo. O hip hop, embora importado do norte americano, também se tornou uma linguagem de forte expressão e trabalhada pelo CAMP nas comunidades, seja com o grafite, o RAP ou a dança de rua. A percussão, a nosso entender, também da conta desse processo. O tambor, presente em todas as culturas, para os negros, suas escolas de samba, tem muito a contribuir no trabalho de resgate e auto-estima das comunidades, conhecendo e valorizando sua história, suas expressões culturais mais remotas e presentes. A partir daí, identificamos outros potenciais. No caso da produção cultural, os grupos de hip hop tem muito a mostrar.

Pela fala de Werlang, podemos perceber no exemplo das ações do Kruse, a presença típica do que podemos definir por um movimento de “republicanização”³⁰ do país. Esse dividido pela escravidão, as diferenças sociais e principalmente pelos mercados, e poder financeiro, independentemente das questões étnico/raciais, de classe, setoriais diversas e ideológica, esta movimentação ganha força local, demarca a potencialidade do(a)s moradore(a)s no âmbito do territorial³¹. Os espaços de participação do projeto do PAC, nos remete a noção de participação e

³⁰ Leonardo Avritzer (organizador). Experiências nacionais de participação nacional. Página 23.

³¹ Milton Santos, nos propõem que o espaço geográfico, sinônimo de território seja assumido como um conceito indispensável para a compreensão do funcionamento do mundo do presente, em uma sociedade

de sua relação com os destinos do loteamento, o que vale dizer se esta idéia de participação é um valor mais alto, digno por si mesmo, ou se é um valor meramente instrumental, subordinado a uma visão anti-democrática de participação.

Então, eu acho que esse negócio assim de “a comunidade não sabe se organizar, nós vamos tentar organizar a comunidade.” Acho que isso aí já é uma coisa ultrapassada; acho que, hoje em dia, dentro da comunidade, tem pessoas que tem capacidade de dizer assim, de como quer que sejam feitas as coisas. Claro que um auxílio de fora é bem aceito (Fala de Alex).

A reflexão que proponho pode parecer abstrata, mas é importante alertar para o fato de sofrer a participação uma ressignificação da democracia, pois esta impõe uma qualificação neste debate, emprestando conteúdo e propósito como no exemplo dos processos da comunidade do arroio. A participação e o significado do conceito de cidadania, ganha contornos diferenciados em práticas distintas. O crucial neste ponto da pesquisa é avaliar a mudança qualitativa do sentido de participação, por conta do ingresso de um novo grupo, porque não dizer na arena política da cidade. A inclusão democrática dos grupos aos espaços decisórios do projeto do Kruse, tem um impacto na extensão dos participantes, afetando também as formas de participação desta comunidade, então não temos somente o reconhecimento de participação em uma escala inédita, tanto em termos demográficos e territoriais, mas também deslocamentos nos canais de participação e a criação de novos.

Eu acho que agora terminando esse período aí, pro futuro, eu acredito que nós da comunidade, com essa organização que a gente tem, a gente pretende fazer uma associação, uma ONG, manter essa parte cultural de oficinas aí. Não sei se talvez geração de renda, mas na parte de oficinas culturais mesmo (Fala de Alex).

Eu gostaria por último de destacar duas questões inerentes ao processo, e que contribuem com uma cultura participativa da realidade. A primeira condição diz respeito ao conflito existente nos processos participativos. À medida que ampliamos o conteúdo social da cidadania, há uma mudança na forma das instituições e da própria reflexão política pensarem e lidarem com o tema deste conflito. Reflito ser a inclusão democrática uma legitimação da heterogeneidade e conflito

dominada pela globalização originada em uma sociedade capitalista, tornando míope nossa percepção da realidade.

social para dentro do corpo do que entendemos como cidadania, nos forçando a reconhecer o conteúdo conflitivo da política, o sentido comunitário no exemplo abaixo, passa a ter uma maior vitalidade, com a exposição dos conflitos.

Por A ou B, a gente começou a ter discussões, até por disputa interna aqui mesmo, na época. E hoje a gente conseguiu formar um grupo bem forte, organizado com essas pessoas tinham que nós tínhamos, não divergentes, mas, sim, simplesmente opiniões adversas (Fala do Antônio).

A segunda questão que eu reforçaria, tem complementariedade com o que afirmei anteriormente, destacaria somente o tema da igualdade de condições em muito idealizada por processos como o do Kruse. Na relação direta com os desconfortos provocados por situações econômico-sociais produzidas em nossa sociedade, existem respostas, representadas por esquemas sociais e institucionais que dão conta disto, projetando uma idéia de busca de superação da extratificação social existente.

A gente percebe a intenção do governo em trazer uma situação mais confortável para as famílias do Kruse. As oficinas, os espaços de articulação das atividades do projeto, tudo inspira esse cuidado com a busca de igualdade entre as famílias. Também houve uma atenção do poder público na ida para as áreas do loteamento, pois as famílias que lá já moravam, e com condições melhores de vida, precisavam entender esta mudança (Fala do Alexandre).

Reconhecer a necessidade de aproximação e busca de igualdade em ações como esta, a partir de processos participativos, esta sempre sujeita a redefinições, pois o desnivelamento passa inevitavelmente de um aspecto da vida para outro, e buscando igualdade e conflito, os processos se implicam e retroalimentam.

5.4 Auto-organização

O movimento pedagógico das oficinas³² nos aponta para posturas existentes no processo, o fomento a auto-organização pode nos colocar um questionamento quanto a sua real possibilidade de ser uma matriz formadora e educativa. O momento que a educação vive atualmente é rico, dinâmico e permeado por experiências do campo popular, principalmente as de teor auto-organizativo, os coletivos pensados por homens e mulheres, são espaços de vivências, questionamentos existenciais e culturais.

A capoeira incentivou as crianças, ficaram mais incentivadas. Espero que isso continue, né. Pra nós, pra comunidade é muito importante nós ter essas oficinas. Não só as de capoeira, mas as outras de hip hop, a grafiteiras, de música. Inclusive até a gente, de repetente, a gente pode sugerir a de dança, futebol, também é cultura, né? De repente, até uma escola de samba montar aqui na vila (Fala do Sr. Miguel).

Os traços sociais, culturais, étnicos pertencentes a territorialidade do entorno do Kruse, nos remete à pautas comunitárias de diversas matizes, as dimensões assumidas por estas, tem implicação direta na organização comunitária como já vimos. O papel do coletivo (a comunidade, o bairro, vila, etc.) cumpre um papel emancipador no processo do Kruse, pois é superação do paradigma do individualismo e do não sistêmico para a comunidade.

Quanto às mudanças na organização do bairro, das lideranças – e a gente faz parte das lideranças do bairro –, houve um grande crescimento, até mesmo com as pessoas que tinham uma opinião diferente, né, de grupos que vinham também de regiões diferentes da cidade. E a gente acabou se unindo, vendo as necessidades que tá havendo dentro da comunidade (Fala do Antônio).

Na fala do Sr Antônio é possível identificarmos haver um sentido das ações do PAC focadas na premissa regulatória de que as organizações populares são consideradas espaços virtuosos, pela sua ação educativa, entendendo serem os coletivos instrumentos de recolocação na

³² As oficinas oferecidas dentro do projeto social, foram organizadas segundo avaliação de potencial cultural e estético feito a partir de intervenções e sugestões do(a)s participantes das assembléias com a

pauta do dia dos sujeitos envolvidos em seus processos de auto-organização as questões da emancipação, igualdade de direitos, diversidade cultural, o convívio coletivo, a inserção cidadã, etc. Meu papel na condição de pesquisador de uma linha de pesquisa de um PPG em Educação, passa a ser, portanto, o de estar atento às questões humanizadoras³³ em sua relação com a educação. Entendemos como processo de humanização, a partir de Freire, ser o movimento de superação da desumanização de uma sociedade necrófila, de relação cultural eurocêntrica, não dialética. A humanização, portanto, passa pela relação dialógica entre os sujeitos, onde no universo das interações comunicacionais as expressões se dêem livremente, onde o senso crítico e transformador das realidades se faça presente, promovendo justiça entre os homens e respeito cultural as diferentes construções.

Os processos de auto-organização podem nos oferecer um rico olhar sobre nossa condição muitas vezes formal no campo da educação. Não consegue assim compreender as reais necessidades dos sujeitos, isolando os agentes da educação a partir de um didatismo pobre e os “metodologismos” exacerbados dos meios educacionais formalizantes das relações sociais. É possível afirmarmos serem estes grupos verdadeiros coletivos de educadores, pois nos trazem questões humanas imprescindíveis para a educação.

Há uma presença marcante de traços nestas organizações de origem popular, em muitos casos, em nome de quem falam, ou para quem agem, partem de necessidades muito específicas, setoriais, que podem ser o direito a cultura, a moradia, etc. As necessidades e direitos das quais falam são coletivos. Os traços de indignação e as vivências, são coletivas, não apresentam-se somente como individuais, há sempre um limite das experiências quando construídas somente no âmbito do indivíduo, já a experiência do coletivo conforme a fala que segue abaixo, não segue “desacompanhada”, possui força transformadora.

Porque a gente já convive, a gente sabe como chegar nas pessoas, como pedir pras pessoas. E elas deram uma resposta muito grande pra nós nesse período de fim de ano. A gente organizou uma festa, então a gente ficou muito surpreso da

comunidade. As atividades oferecidas contaram com o artesanato, capoeira, HIP HOP com seus elementos e percussão.

³³ FREIRE Paulo. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

colaboração de, praticamente, de todos os moradores. Não só aqui do núcleo como de fora também. As pessoas se puseram, assim, entraram de cabeça, cada um participou um pouquinho, como pôde, sabe. E... porque foi uma coisa assim foi nós mesmo que nos organizamos, nos mesmos chegamos nas pessoas e conversamos com elas. Então, foi uma resposta muito boa, o que dá um incentivo para nós nos organizarmos e continuarmos mantendo uma ação social aqui dentro do bairro (Fala do Alex).

A partir do festejo programado pelas lideranças junto a sua comunidade, puderam perceber o potencial catalizador da iniciativa, pela manifestação espontânea do(a)s moradore(a)s do loteamento tanto nas contribuições ofertadas, como na operação da atividade gerando protagonismos considerados “inesperados” pelos percussores da proposta. Esta experiência impacta no modo de vida das pessoas envolvidas, primeiro pela descoberta de um sentimento escondido e revelador do quanto a visão colaborativa está presente nas comunidades e segundo pela busca de sentido mais amplo desta participação e envolvimento com as questões comunitárias, politizando os grupos, fazendo-os reconhecer novos espaços de interlocução para suas questões diversas.

A ritualística e o simbolismo que os grupos carregam, não são “novos”, são ressignificações de experiências passadas, que mesmo pela sua multiplicidade, podem ser encontrados em diferentes exemplos exteriorizados de nosso país. Com todos estes traços pertencentes às manifestações de auto-organização do arroio, é possível falarmos de uma pedagogia emancipadora a partir dos elementos que irrompem na fala do Alex, e seus reflexos sobre o imaginário popular das pessoas envolvidas. Em nosso caso estudado, identificamos a presença de um potencial auto-organizativo, e como o mesmo é tratado pela executora(CAMP).

Mas, algo que julgo ser importante procurarmos nesta relação, é a existência de iniciativas geradas por estímulo do poder público, quais suas intenções, como seus sujeitos comportam-se, como se colocam, são independentes em sua caminhada, livre de “tutelamentos” o quanto aprendem de si e dos outros, e se neste movimento há uma didática, uma aprendizagem sistematizada. Há alguma “permanência” presente nesta perspectiva de valores adquiridos de outras experiências do campo popular, tais como apropriação politizadora da realidade, construção da autonomia e soberania, quais seus compromissos com a emancipação do grupo a ser representado (comunidade de reassentados).

Em primeiro lugar é necessário afirmar que o projeto como um todo tem grande potencial, na perspectiva do empoderamento das comunidades. As oficinas culturais, foram pensadas pela SMC, como uma forma de contribuir com esse empoderamento, articuladas com as atividades participativas do projeto, portanto como um canal de fortalecimento dos vínculos do projeto com a comunidade, e também como um potencializador da perspectiva do seu protagonismo. As oficinas culturais oferecem um repertório rico, de linguagens, de interação com outras expressões culturais e com as outras políticas sociais, como defesa do meio ambiente e geração de trabalho e renda (Fala de Pedro Vasconcelos).

Nesta pesquisa acentuou-se em mim a impressão de ser a *Pedagogia do Oprimido* um salto para compreendermos as questões centrais da vida dos diferentes grupos sociais, que surgem, ressurgem, com uma permanência valorativa e atualizada dos fenômenos auto-organizados de diferentes grupos sociais excluídos de nossa sociedade. A reposição para a teoria pedagógica destes inúmeros exemplos é testemunho do que afirmo, não há pedagogia emancipadora que não consiga levar este entendimento ao seu extremo. O presente na forma de tempo conjugado para nós agentes educativos, ganha espaço em nossa pesquisa, quando conseguimos atualizar nossos conceitos nos exemplos sempre atuais, mas ligados ao passado daqueles grupos auto-organizados que defendem o direito a uma vida plena de direitos.

Os oprimidos, conscientes de sua opressão, e ligados a processos mobilizatórios, ganham forma na *Pedagogia do Oprimido*. Paulo Freire, em sua análise, nos ajudou a entender ser constante esta pedagogia dos grupos excluídos, pois acumula em experiências e não é propriedade de nenhum grupo social exclusivo, agente acadêmico. Ao contrário é fruto da rica experiência que mobiliza a sociedade a repensar seus limites, e principalmente a enxergar-se nas possibilidades de renovação que as experiências nos oferecem.

O “novo” na organização popular que se anuncia para os moradores do loteamento Novo Lar, se dá na dimensão auto-organizativa adquirida por meio das mobilizações permanentes primeiramente de um grupo de lideranças locais, tomadas pelo sentimento necessário e inadiável da procura pelo protagonismo de quem não se contenta somente em receber as ações governamentais. Este novo caminho pedagógico, acompanhado de uma leitura de mundo lúdica, pode ser reconhecido em seu método de tomada de consciência, onde até mesmo um momento

festivo, toma contornos diferentes, quando percebe-se que

Preparar a festa é um exercício de mobilização e organização comunitária. Aqui reside talvez o maior potencial pedagógico da festa, sobretudo se construída coletivamente. Não tem outro jeito: alguém ou algum motivo provoca a festa, propositiva ou espontaneamente. Uma data tradicional religiosa, a celebração de uma conquista, um aniversário ou mesmo a falta de opções de lazer e diversão podem ser pretextos para realizar uma festa. Para nós, o importante é garantir que o processo seja envolvente, que as pessoas manifestem seus sonhos e fantasias que serão representadas nos enfeites, na decoração do ambiente da festa. Formar grupos que pensem as diversas etapas de preparação da festa, a divulgação, as comidas, as atrações artísticas e musicais, a limpeza... as reuniões que se seguirão até a festa propriamente dita serão fundamentais no processo de criação de laços entre os integrantes da comunidade.³⁴

O sentido da auto-organização vai ganhando uma dimensão nítida, com possibilidades claras, a medida que se reflete a “substância” que irá adquirir este contorno, conforme a fala do Alex, quando perguntado sobre as possibilidades de desdobramentos para a comunidade, após o término das atividades:

Eu acho que agora terminando esse período aí, pro futuro, eu acredito que nós da comunidade, com essa organização que a gente tem, a gente pretende fazer uma associação, uma ONG, manter essa parte cultural de oficinas aí. Não sei se talvez geração de renda, mas na parte de oficinas culturais mesmo. Pra comunidade ter uma forma de aprender alguma coisa educativa, né. Porque a gente aposta muito na parte de educação da comunidade de agora em diante, pra que as pessoas continuem tendo aquela visao que elas estão em um novo modelo de vida. Claro que não vai ser uma mudança radical, nem nos pretendemos impor nada a ninguém.

O elemento geracional está muito presente nas falas, pois às crianças, ao mundo da infância é destinada uma atenção especial, pois este universo é pensado também na ótica do protagonismo. Pensar um futuro desta relação, passa também pelo fomento a uma nova cultura

³⁴ Texto construído com a comunidade do Loteamento nas oficinas de arte-educação.

política da comunidade, e se pensarmos no que foi dito até aqui, surge uma nova geração, com um tipo de aprendizado para a vida, cujas infâncias foram tomadas pela iniciativa vivida, e que certamente lhes provocou algum tipo de sensibilidade para os temas coletivos encontrados nas oficinas e nas relações comunitárias do novo loteamento, conforme este trecho da fala do Alex:

Mas, assim, dar uma nova luz, um novo caminho pras pessoas através de ações feitas aqui dentro pra que essas pessoas se conscientizem, que agora elas têm possibilidade de começarem a se organizar, vão ter uma vida organizada, as crianças também.

5.5 Economia da Cultura

A produção, a circulação e consumo de bens e serviços culturais, tem papel de peso na economia das nações logo no pós-guerra. Há um aprofundamento cada vez mais crescente sobre o setor e a questão específica da Economia da Cultura³⁵ passando a mobilizar setores da pesquisa em diversas universidades. Nos anos 90, os órgãos internacionais de cooperação abrem espaço para a temática, ganhando a agenda dos desenvolvimentos nacionais, cito o exemplo da UNESCO, que inclui progressivamente esta temática

O setor da Economia da Cultura³⁶ responde por 7% do PIB mundial, conforme dados de 2003. Em países como os Estados Unidos a cultura é responsável por 7,7% do PIB, pois 4% da força de trabalho e os produtos culturais são o principal item de exportação do país, conforme dados de 2001. Para a Economia da Cultura³⁷, o modo de produção e de circulação de bens e

³⁵ 2ª edição do *Cultura em números*. Pág. 33. Editado pelo Ministério da Cultura em 2010. Disponível também em meio digital pelo endereço: <http://culturadigital.br/ecocultminc/files/2010/06/Cultura-em-N%C3%BAmeros-web.pdf>, consultado em 24 de janeiro de 2011.

³⁶ Na década de 60 o termo Economia da Cultura surge como preocupação de um campo de economistas preocupados com as implicações entre cultura e economia, assim surge a fusão dos conceitos. Pág. 01 do artigo Notas sobre a Economia da Cultura escrito em 2006, pelo(a)s doutorando(a)s Carmen Lucia Castro Lima e João Paulo Rodrigues Matta e o mestrando César de Oliveira Franca que compõem o Grupo de Estudos e Pesquisa em Economia da Cultura e são professore(a)s da FACOM-UFBA.

³⁷ Informações colhidas na Oficina Virtual de Economia da Cultura e Diversidade organizada pelo Ministério da Cultura do Brasil e preparatória para o Seminário Internacional da Diversidade Cultural,

serviços sofre impactos das novas tecnologias, sendo baseado na criação, não se amoldando a paradigmas da economia industrial clássica. A Economia da Cultura tem a inovação e a adaptação às mudanças como dois aspectos que podemos considerar em um primeiro plano. É importante afirmarmos que sua capacidade criativa possui maior peso se comparado com o porte do capital, em outras palavras, seu potencial de criação não está atrelado a uma suposição de que a economia da cultura, supõe ser o “econômico” o fator superior ao criativo.

Ao falar da dinâmica das novas tecnologias, as mesmas e principalmente a digital, contribuem com o assenso de iniciativas auto-gestionárias no campo da Economia da Cultura. Outro elemento é a possibilidade de criar-se novos produtos, de divulgá-los e trabalhar sua distribuição e consumo. Apontarei algumas vantagens sobre a Economia da Cultura:

- a) baixo impacto ambiental,
- b) a exterioridade social e política da produção é visível,
- c) seus bens e serviços carregam um simbolismo forte nos modos de vida e identidade.
- d) Um outro aspecto oferecido pela Economia da Cultura diz respeito ao fato de esta vinculado diretamente ao desenvolvimento social, pois possui um potencial altamente inclusivo, organizado pela idéia do fomento ao desenvolvimento humano.

Uma informação importante para nossa análise diz respeito às atividades culturais mais presentes em nosso país, o que em alguns reflete-se em realidades de cidades como São Leopoldo. Em uma escala de produção cultural³⁸, a atividade cultural mais presente nos municípios é o artesanato (64,3%), seguida pela dança (56%), bandas (53%) e a capoeira (49%), esta última manifestação possui uma forte presença nacional, com forte visibilidade e apelo

com curadoria de George Yúdice que é professor da Universidade de Nova York, onde dirige o Centro de Estudos Latino-americanos e Caribe. É também diretor de estudos culturais no *Inter-American Cultural Studies Network*. O blog da oficina é: http://economiadacultura.blogspot.com/2007_06_01_archive.html, consultada em 20 de abril de 2011.

³⁸ OLIVEIRA, L. A. Pinto. As bases de dados do IBGE – potencialidades para a cultura. In Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

identitário no Arroio Kruse. A capoeira é considerada ainda ao lado da música, um dos segmentos que maior interesse despertam em nosso país.

Estatisticamente, a realidade nos indica que o principal obstáculo para o desenvolvimento da Economia da Cultura diz respeito à concentração e baixa distribuição de equipamentos culturais, dificultando a circulação e acesso a produtos e serviços

A Economia da Cultura para ser efetivada no âmbito dos setores demandantes, precisa contar com mecanismos diversificados de fomento, é preciso formular ações integradas e contínuas que enfrentem os principais gargalos do setor, implantando estratégias para o setor. Este movimento envolve o financiamento, montagem de legislação específica, capacitação e regulação, esse desafio envolve o papel do Estado, entidades da sociedade civil, agentes culturais e a própria iniciativa privada, requerendo. Na esteira das realidades locais, os processos ganham em desafio e complexidade, pois necessitam uma atenção a aspectos gerais dos diferentes públicos a serem envolvidos. As estratégias de aproximação entre as esferas do estado e sociedade passam por reconhecer os limites desta relação, assim como as reais possibilidades de diálogo e avanço nesta intenção de constituir movimentos autônomos e com foco de auto-sustentabilidade, como na próxima fala:

O estímulo principal é o fato de que a comunidade pode decidir como quer participar e se aquela atividade é positiva ou não para suas famílias. A comunidade se envolve na definição dos locais, dos horários e dias e no público que deve ser atendido. Isso é um começo, um primeiro passo, para quem depois pode vir a representar os anseios da comunidade, pois se inicia um processo de definições importantes e de uma construção conjunta entre poder público e comunidade. Esse compartilhamento gera uma politização maior no processo e uma tomada de consciência da comunidade para o funcionamento e a organização de atividades públicas (Fala de Pedro Vasconcelos).

O secretário Pedro reconhece a necessidade de promoção desta aproximação, ao mesmo tempo do limite em instituir formas antecipadas de junto aos setores populares dirigir um processo de formação para a uma cultura da Economia da Cultura, e isto se deve a necessidade de

despertar espontaneamente o processo, a medida que há apropriações significativas dos envolvidos nesta ação política.

Uma das características mais presentes na Economia da Cultura, diz respeito ao tema da produção intelectual, percebe-se que muitos segmentos e com o exemplo ligado as festas populares, não possuem a prerrogativa da produção intelectual. Um outro aspecto relevante sobre este setor das festas populares e que reúne os setores ligados a Cultura Popular, apontando para o fato de que nas comunidades brasileiras, este é um dos vetores de maior incidência em nossa realidade, onde citamos a festa de São João, Carnaval e Capoeira.

Podemos caracterizar que uma abordagem estratégica de empoderamento dos setores diz respeito a capacitação dos agentes culturais, onde a promoção e qualificação de artistas, produtores culturais, entidades representativas e comunidades em geral, são estimulados a recorrerem e constituírem em suas vivências uma Cultura para a Economia da Cultura³⁹.

Outro mérito nas ações de origem do poder público, diz respeito à configuração do diálogo entre estado e instituições públicas e privadas no fomento a formação para a gestão pública com perfil para esta temática, com vistas a implementar e qualificar projetos voltados para o desenvolvimento dos principais segmentos da Economia da Cultura. Há uma necessidade de encarar-se de frente os obstáculos enfrentados pelas iniciativas, sem perder de vista a idéia de integração das ações, para não fragmentar-se do ponto de vista da transversalidade o coletivo de iniciativas geradas tanto da esfera governamental, como não-governamental.

³⁹ Quando afirmo haver a produção de uma “cultura” para a Economia da Cultura, este movimento implica na compreensão prévia do que significa para os grupos que movem-se a partir de manifestações artísticas, o termo da Economia da Cultura, muitas vezes desconhecido, e sua apropriação significa, conhecer seus elementos, diretrizes e orientações para uma ação consciente neste campo conceitual, que traz implicações positivas, quando de sua tomada de compreensão, ou se preferirmos a construção de uma cultura nos grupos governamentais e não-governamentais do significado da Economia da Cultura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas culturais realizadas pelo CAMP no arroio Kruse, é uma ação integrada do PAC do arroio, interagindo a outras ações setoriais (Mulheres, Mundo do Trabalho, Habitação, etc.), com foco em sua totalidade enquanto ação governamental, no processo de reassentamento de um grupo de famílias em uma área conflitiva do ponto de vista tanto ambiental quanto sócio-econômico, com seus reflexos culturais. Quanto às ações culturais e sua “permeabilidade” discursiva, existe uma tridimensionalidade, em alguns momentos mais tensionada em questões específicas, em outras situações, com apelo discursivo mais presente nas falas e declarações das pessoas da comunidade.

A relação entre Participação Popular, Economia da Cultura e Autogestão, nos remetem a uma primeira conclusão. Observei tanto nas falas da comunidade, como na relação estabelecida entre estas e as ações culturais propostas pelo poder público, existir uma orientação nestas ações, um forte estímulo aos processos de participação da comunidade, ensejando a acolhida das vozes dos participantes em espaços de deliberação construídos na idéia de coletivizar as decisões, e tratar de temas transversais do processo de reassentamento:

Partindo do pensamento de Paulo Freire, da nossa concepção de educação popular que se traduz numa metodologia participativa, surge em muitos de nossos projetos e intervenções a construção de novos atores de desenvolvimento local que, empoderados podem ser, em suas próprias comunidades, desencadeadores de um processo transformador das cidades. O desafio se encontra em traduzir a prática da educação popular que o CAMP sempre fez com grupos e movimentos sociais para a criação de grupos e movimentos comunitários nos territórios onde está presente. Assim, a reflexão que apresento aqui sobre o “SENTIDO E IMPORTANCIA DA FESTA” sugere o resgate de práticas populares que dialoguem com esses novos atores sociais da base das comunidades das periferias de nossas cidades, encontrando e construindo instrumentos para essa construção.(João Werlang)

Investigando as possíveis causas desta orientação, é possível identificar nas plenárias com a comunidade das sub-regiões e as de caráter mais geral, um elo que envolve a própria fundação do CAMP, sua matriz de fundação. Para agregar-se a esta carga cultural, o poder público tem a frente de seu executivo, um “chefe” e diversos dirigentes do processo administrativo municipal com origens que remontam a fundação de diversos movimentos sociais, como o MNLM⁴⁰, os sindicatos e partidos de esquerda. É interessante observarmos que mesmo, o PAC tendo sofrido críticas por uma determinada corrente do pensamento político-filosófico como sendo uma ação desenvolvimentista, o reflexo das ações culturais da iniciativa, possuem um discurso que apropria-se de elementos progressistas e de cunho emancipatório na perspectiva teórica da Pedagogia do Oprimido.

O tema da participação, tem sido amplamente defendido como um processo garantidor de relações entre o estado e a sociedade civil, cujas marcas tem sido a da promoção consistente de processos abertos quanto a seus espaços de intervenção, e com dinâmicas participativas permanentes, sugerindo um compromisso permanente entre poder público e sociedade na manutenção deste novo tipo de contrato social

Dessa forma, pode-se falar de uma espécie de “novo-espírito” da participação, que em maior ou menor grau está provocando o desenvolvimento de novas iniciativas que têm como objetivo consolidar a participação popular no desenho das soluções administrativas (Fala de Pedro Vasconcellos).

Interpreto que a palavra democracia pode ganhar um contorno mais nítido, quando temos em prática o exercício de poder entre as diferentes instâncias, emanando uma real possibilidade de consolidar uma prática do poder público garantidor da porosidade dos temas, com o compromisso de tê-los não como horizonte não de mera contemplação das arguições, mas como

⁴⁰ O Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM) foi criado em julho de 1990, no I Encontro Nacional dos Movimentos de Moradia, com representação de 13 estados. Materializou-se depois das grandes ocupações de áreas e conjuntos habitacionais nos centros urbanos, deflagradas principalmente na década de 80. Entre vários organismos, teve como apoiadores a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Cáritas, Central de Movimentos Populares. Hoje também tem parceria com a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e vínculo com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST).

espaço de efetivação de uma práxis da transparência, democracia e concretude existente a partir das falas da comunidade e o real significado que estas assumem na vida das famílias. Em última análise, tratamos do teor do compromisso firmado nas instâncias decisórias via institucional, afirmativas da vontade popular.

Para citar uma iniciativa da comunidade reassentada do PAC Arroio Kruse, Loteamento Nova Vida, já realizaram inclusive uma reunião com representantes da secretaria de cultura, orientados pelos educadores do CAMP, no sentido de incluir a comunidade no projeto de descentralização da cultura, garantindo a continuidade das oficinas de capoeira, por exemplo, e a possibilidade de ampliar as modalidades para também atividades de lazer e esportes em geral, oferecendo pessoal e equipamentos públicos para isso. Claro que ainda esta no processo de reivindicação e projeto para futuro próximo, espera-se, mas já é fruto da mobilização comunitária (Fala de João Werlang).

Quanto ao tema da participação, outra questão necessária, é de como esta se dá levando em conta as redes de participação social do entorno do arroio. Partimos de um entendimento aplicado a realidade, observando-se um importante movimento a ser feito as diferentes instâncias decisórias, constituídas historicamente pelas organizações comunitárias já existentes.

Há tentativas no âmbito mais geral da ação pública da administração municipal, de comprometer-se com a formação das redes das políticas públicas. É possível constatar as redes do CRAS – Centros de Referência de Assistência Social, processos como o OP, as CRC, entre outras iniciativas. A partir da mobilização social iniciada pela SMC, desempenhou-se um importante papel de diagnóstico da realidade organizacional dos diferentes setores com diversos recortes culturais, contribuindo com uma inovação da área da cultura, afirmando seu papel de estar no centro da formulação das políticas culturais da cidade.

Outra conclusão da pesquisa, diz respeito ao diálogo entre o CAMP e comunidade atendida pelo PAC, tal processo provocou a percepção das pessoas quanto ao tema gerador da auto-organização. No antigo⁴¹ território de ocupação, haviam iniciativas já relatadas no campo da auto-organização. Mas a medida que fui conhecendo as famílias reassentadas, constatei que nas

⁴¹ Considero antigo, o território de origem das famílias, antes do reassentamento.

mesmas não haviam elementos significativos destes processos auto-organizativos. A ocupação do entorno do arroio, sensibilizou muitas vezes a comunidade com pautas ambientais, que de maneira externa cobravam medidas do poder público. Quanto aos impactos sobre o meio, gerados pela ação de ocupação, nem mesmo a demanda existente pela auto-organização de trabalhadores da reciclagem, originou qualquer iniciativa do campo, até mesmo pelo seu apelo, e pelo fato da reciclagem, poder dar respostas mais rápidas ao problema ambiental às margens do arroio.

Este elemento, para mim fez surgir uma provocação, no sentido de buscar entender como o ethos cultural da comunidade seria influenciado pela experiência de política pública originada por uma entidade do campo popular, e poderia contribuir com uma cultura para a auto-organização de um expressivo setor agora reassentado e com novas demandas de vida. Pois a “regularização” de sua situação fundiária abre novos desafios, e reivindica novas posturas, pois o “conteúdo” territorial, com suas implicações, aponta para necessidades novas, e sugere novos interlocutores para estas. Miguel Arroyo⁴² nos diria ser da estratégia dos grupos organizados em suas pautas coletivas, utilizarem-se de experiências já vividas, ressignificadas e apropriadas por diferentes grupos, novas lideranças e processos de luta, ainda não pensados, mas cujas formulações, tanto do ponto de vista cultural simbólico e imaterial trazem um sopro de justiça, de uma nova vida.

No campo da metodologia, a pesquisa me oferecia uma direção ideológica, a medida em que me apoiou no fortalecimento dos conceitos utilizados em sua categorização, sem antever o futuro, como que um prognóstico, assim procurei não incorrer no círculo vicioso da pesquisa que já tem resultado esperado, pois coloca-se como aquilo que será, em vez de afirmar aquilo que de fato é. Outro aspecto que considero importante é o fato de buscar um tipo de conhecimento que compromete-se com a alteração de conceitos inculcados, principalmente nos setores populares.

A busca de um verdadeiro valor no propósito tanto da coleta, da análise e conclusão dos dados oferecidos, pautou-se em um sentimento de busca de êxito em uma pesquisa que comprometeu-se a luz do interesse dos setores populares, ao ter a dimensão de suas manifestações culturais, sua riqueza vivencial. A ciência a serviço destes setores, interpreto, deve

⁴² ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

confrontar-se com todo o tipo de autoritarismo, principalmente daquele tipo que não dialoga com seus interlocutores e com seus erros também.

Das questões trazidas na pesquisa, há algumas indefinições acerca do reflexo da Economia da Cultura sobre o imaginário da comunidade e os impactos sobre este. Mesmo a comunidade reconhecendo o papel de fomento a esta possibilidade, a pesquisa torna-se insuficiente para identificar o real significado que este termo tomou junto aos setores da comunidade assentada.

Há uma preocupação de lideranças com este tema, à medida que o mesmo inspira e provoca reflexões sobre possibilidades de consolidar-se iniciativas ligadas a área da cultura, com orientação para a geração de trabalho e renda:

O estímulo a auto-organização da comunidade é a descentralização da cultura, pois através desta iniciativa a SMC proporcionou maior possibilidades de criação de projetos junto as diversos núcleos culturais, tais como ONG'S, entidades filantrópicas e etc... Aachamos que se for dada uma maior atenção a essas entidades, visando criar um malha de ações culturais, talvez haja possibilidades de retorno financeiro para os grupos e assim a criação de trabalho (Fala do Pai Alexandre).

A necessidade de acompanharmos os desdobramentos das ações culturais tem como objetivo, podermos identificar mudanças significativas nos encaminhamentos na vida da comunidade. Outra questão assumida na pesquisa, refere-se a necessidade de instigarmos os setores organizados, depois do processo desenvolvido, para acompanhar as questões relacionadas a auto-organização e como esta se dará, assim como esta organização influenciará na vida das pessoas, com a existências de fóruns deliberativos das políticas públicas municipais.

Fica constatado que esta experiência do campo governamental, ofereceu dinâmicas participativas com abertura a possibilidades permanentes de inflexões do(a)s participantes, ao mesmo tempo, as ações culturais contribuíram na construção de uma cultura participativa, auto-organizativa, que não tinham em sua história práticas vivas de protagonismo político. Se não

houve dirigismos⁴³ na condução dos processos deliberativos, também formou-se um novo tipo de lideranças, em um processo emancipatório, a medida em que motivou as pessoas a exercitarem a partir de ações políticas, “o dizer a sua palavra”.⁴⁴

Os setores populares longe do que possam parecer, possuem sede de saber, uma condição importante para reconhecermos os limites de concepções, sobre as quais assentam a premissa equivocada derivada de um idéia “torta” de que devemos desconfiar da possibilidade concreta destes reconhecerem o “pensar certo”⁴⁵. A experiência relatada procurou elementos presentes na prática da Secretaria Municipal de Cultura e do CAMP comprometidas com o tema. Este movimento para mim, enquanto pesquisador de fenômenos da área cultural em diálogo com práticas emancipatórias, traduz um esforço de sistematização, para o qual credito a necessidade de valorizar os setores comprometidos com as camadas populares, sejam estes governamentais ou não-governamentais.

⁴³ FREIRE, Paulo em *Pedagogia do Oprimido*

⁴⁴ FREIRE, Paulo em *Pedagogia do Oprimido*, Prefácio de Ernani Maria Fiori. página 07.

⁴⁵ FREIRE, 2003b, p. 77.

REFERÊNCIAS

ARROYO, G. Miguel. **Pedagogia em Movimento**: o que temos a aprender dos movimentos sociais?

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul** (1858). Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1980.

AVRITZER, Leonardo. A moralidade da democracia: ensaios em teoria habermasiana e teoria democrática. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

AVRITZER, Leonardo. Artigo: Teoria Democrática e Deliberação Pública. UFMG.

BOBBIO, Norberto. Estado, Governo e Sociedade: para uma teoria geral da política. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BUBLITZ, J.; CORREA, S. **Terra de Promissão**: Uma introdução à Eco-história da colonização européia no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Passo Fundo: UPF, 2006.

COSTA, Cláudio Humberto da, AZEVEDO, Marcelo Alexandre de. *Crônica de Uma Assembléia do Orçamento Participativo*. In? STRECK, Danilo Romeu; EGGERT, Edla, SOBOTKA, Emil (organizadores). **Dizer a sua Palavra, Pesquisa Participante, Orçamento Público**. Pelotas: Editora Selva, 2005.

DOLABELA, Maria de Lourdes. Artigo: As políticas públicas e os processos de “hibridação” no Brasil e na América Latina, p. 4.

DUSSEL, E. **1492: o encobrimento do outro**. A origem do "mito da modernidade. Editora Vozes, 196 páginas, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação**: na idade da globalização e da exclusão. 2 ed. Vozes: Petrópolis, 2002.

Freire, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo : Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 38.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FROMM, Erich. *Conceito Marxista do Homem*. 7^a. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

GALEANO, Eduardo. *A descoberta da América (que ainda não houve)*. 2ed. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1990. p.7 - 45. Série Síntese Universitária.

JAHN, A. *As colônias de São Leopoldo na Província Brasileira do Rio Grande do Sul e reflexões gerais sobre a imigração espontânea e colonização no Brasil*. Leipzig, 1871.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. Rio de Janeiro, Elfos, 1989

MAESTRI, Mário. *Breve história do Rio Grande do Sul: da Pré-História aos Dias Atuais*. Passo Fundo: UPF Editora, 2010.

MATOS, Marlise. *Cidadania porque, quando, para quê e para quem?* Desafios contemporâneos ao Estado e à democracia inclusivas. Artigo escrito em 2009.

MONTEIRO, S. J. *Memorando sobre a Colônia de Mundo Novo*. Manuscrito datado de 7 de julho de 1854.

OLIVEIRA, L. A. Pinto. As bases de dados do IBGE – potencialidades para a cultura. In Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

PAULO: Hucitec, 1999.

Relatórios de atividades desenvolvidos pelo(a)s arte-educadore(a)s, coordenação pedagógica e demais documentos do *Instituto Cidadania 15 de Outubro*.

ROCHE, J. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: espaço e tempo, razão e emoção. 3ª ed. São Paulo.

STRECK, D. R. (Org.); EGGERT, Edla (Org.); SOBOTTKA, Emil A (Org.). **Dizer a sua Palavra**: Educação Cidadã, Pesquisa Participante, Orçamento Público. 1. ed. Pelotas: Seiva Publicações, 2005

Texto de Planejamento Estratégico da Secretaria Municipal de Cultura. Ano de 2008. 15 páginas.

Texto O planejamento da comunicação para a mobilização social: em busca da co-responsabilidade. Márcio Simeone Henriques, Clara Soares Braga e Rennan Lanna Martins Mafra.

UMANN Josef. **Memórias de um imigrante boêmio (bilíngüe)**. EST Edições. Porto Alegre/RS. 106p

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu**. a retórica do poder. Boi Tempo Editora.

WOOD, Ellen Melksins. **Trabalho, classe e estado no capitalismo global**. Tradução Emir Sader.

ZITKOSKI, Jaime José. **Educação Popular e Pós Modernidade**: um olhar em tempos de incerteza. Cadernos IHU (Unisinos), v. 21, p. 01-37, 2007.

ZITKOSKI, Jaime José. **Horizontes da (re)fundamentação em Educação Popular**: um diálogo entre Freire e Habermas. 1. ed. Frederico Westphalen: URI, 2000.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
UFRGS -Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós Graduação em Educação.

Projeto: AS POLÍTICAS CULTURAIS NO ARROIO KRUSE: construindo caminhos para a emancipação das classes populares

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: AS POLÍTICAS CULTURAIS NO ARROIO KRUSE: construindo caminhos para a emancipação das classes populares

I. Justificativa

Esta pesquisa pretende investigar as ações culturais do PAC no arroio Kruse e seus reflexos para a emancipação da comunidade envolvida neste processo.

II. Procedimentos

A coleta de dados será feita através de entrevistas semi-estruturadas e em grupo focal para que as pessoas pesquisadas possam abordar livremente as questões.

III. Desconfortos

Os entrevistados que não quiserem responder ou sentirem qualquer desconforto durante a pesquisa terão a liberdade de desistência da participação em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízos. As informações não serão identificadas, a fim de impedir a socialização e exposição dos sujeitos da pesquisa. Não se identificando outros possíveis desconfortos nessa pesquisa: receio de exposição, receio de ser avaliada, da crítica, etc.

IV. Benefícios:

Entre os benefícios destaca-se a possibilidade de aprofundar conhecimentos e contribuir para o aprimoramento de questões que possibilitem o fortalecimento de iniciativas participativas, auto-organizativas e de auto-sustentabilidade.

V. Garantias

- Garantia de requerer esclarecimentos a qualquer pergunta ou dúvida a cerca do estudo.
- Da liberdade de retirar do consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que traga qualquer prejuízo.
- Da segurança de não ser identificado, se houver o desejo, e que se manterá em caráter confidencial as informações relacionadas à privacidade.
- Da garantia dos preceitos éticos e legais após o término do estudo.
- Do compromisso do acesso às informações em todas as etapas do trabalho, bem como dos resultados deste.
- De permitir anotações das falas, com garantia de anonimato.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que este termo foi verbalizado inicialmente à pesquisa e recebi uma cópia do mesmo. Sendo assim, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do Participante da Pesquisa Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Assinatura do Orientador
Contatos com pesquisador: (51) 9126.5499/ marceloazevedo@bol.com.br

UFRGS -Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós Graduação em Educação.
Base de Dados do(a)s Entrevistado(a)s

Projeto: AS POLÍTICAS CULTURAIS NO ARROIO KRUSE: construindo caminhos para a emancipação das classes populares

DADOS DOS ENTREVISTADO(A)S

Identificação	Ocupação	Primeiro Encontro	Data e local da entrevistas
Pedro Vasconcellos	Secretário de Cultura	12 de janeiro de 2011	12 de janeiro de 2010 – Secretaria Municipal de Cultura de São Leopoldo
João Werlang	Arte-educador do CAMP	03 de fevereiro de 2011	03 de fevereiro de 2010 – Escritório de atendimento do PAC São Leopoldo
Alex Marcelo da Silva	Liderança Comunitária	12 de fevereiro de 2011	Loteamento Novo Lar
Miguel Ângelo da Rosa	Ex-Presidente da Associação de Moradores da São Cristovão	12 de fevereiro de 2011	Loteamento Novo Lar
Antonio Jocemar Pinto de Oliveira	Liderança Comunitária	12 de fevereiro de 2011	Loteamento Novo Lar
Ieda Maria Taís Zanchi	Liderança Comunitária	12 de fevereiro de 2011	Loteamento Novo Lar
Carise do Nascimento	Liderança Comunitária	12 de fevereiro de 2011	Loteamento Novo Lar
Alexandre Machado da Silva	Religioso de Matriz Afriacana (Pai de Santo)	16 de fevereiro de 2011	Bairro Feitoria Seller

UFRGS -Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós Graduação em Educação.
Questionário da entrevista

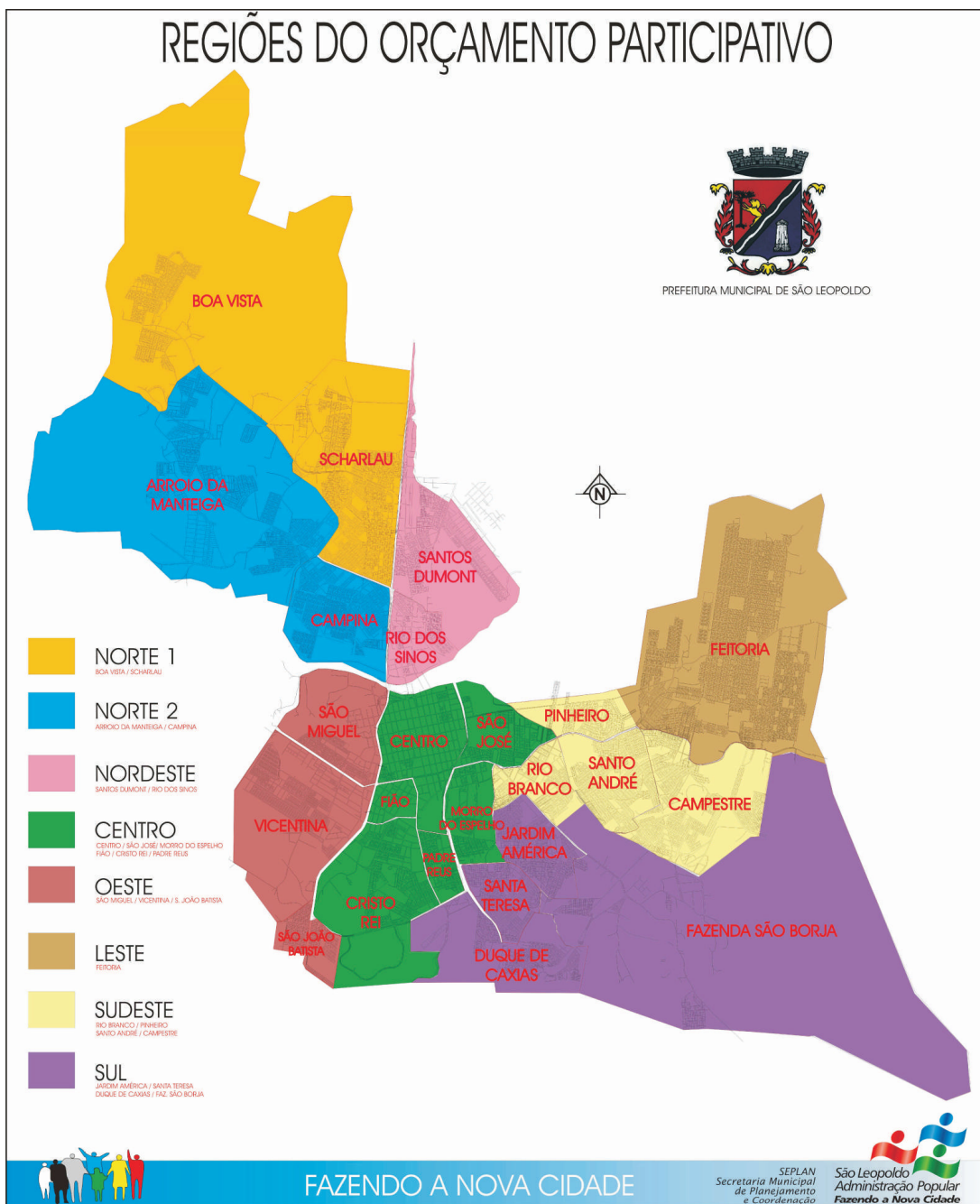
Projeto: AS POLÍTICAS CULTURAIS NO ARROIO KRUSE: construindo caminhos para a emancipação das classes populares

Objetivos:

- g) Identificar o potencial (projetos e ações na área da cultura) da iniciativa adotada pelo poder público local e de seus compromissos com a comunidade envolvida na ação;
- h) Conhecer quais os espaços de intervenção da comunidade em sua relação com todo o processo, e de como a mesma é chamada a participação;
- i) Analisar mudanças significativas na compreensão dos sujeitos envolvidos nos projetos da comunidade, e se as mesmas contribuíram para a organização popular e comunitária;
- j) Verificar os resultados efetivos para consolidar uma cultura da auto-organização, com viés de diálogo com o tema da economia da cultura;
- k) Apontar desdobramentos futuros que podemos verificar, depois do término da pesquisa, do ponto de vista dos interesses da comunidade após a conclusão das chamadas oficinas e
- l) Acompanhar as iniciativas de auto-organização da comunidade, e seus desdobramentos para a vida comunitária das áreas de reassentamento.

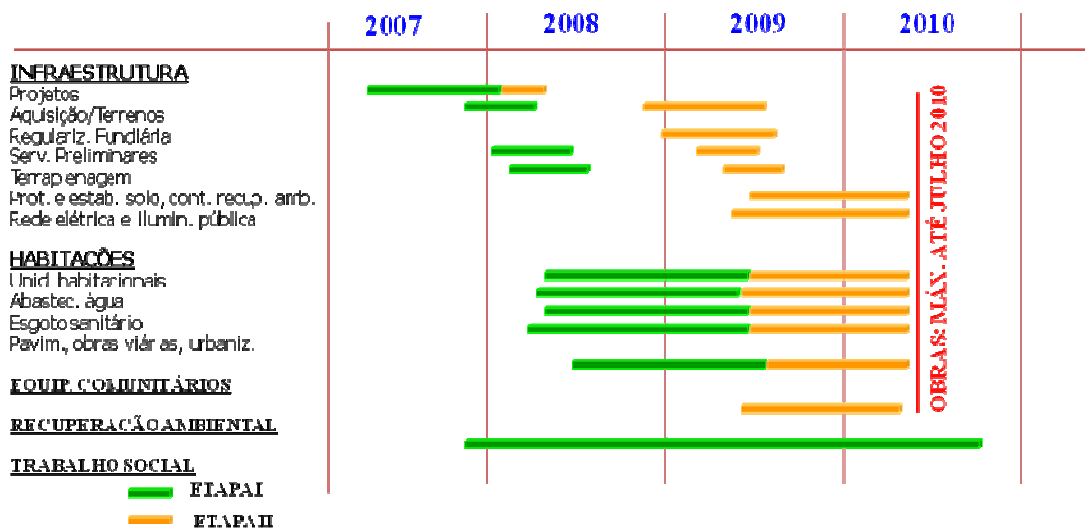
Perguntas:

- 1) Na opinião de vocês, qual é o potencial das ações culturais desenvolvidas pela executora o CAMP – Centro de Assessoria Multi-Profissional
- 2) Quais são os estímulos a auto-organização da comunidade, e se podemos verificar alguma possibilidade de buscarmos a geração de trabalho e renda, como continuidade das ações culturais desenvolvidas?
- 3) É possível enxergarmos os desdobramentos das ações culturais junto à comunidade, e se é podemos afirmar que existe desdobramentos na emancipação das famílias do reassentamento?





CRONOGRAMA PRELIMINAR



JORNAL VS ^{52 ANOS}

SÁBADO, 19 DE DEZEMBRO DE 2009 - Nº 9.547 - R\$ 1,30

www.jornalvs.com.br

OFICINAS CULTURAIS NO PALCO

Tiago de Rosa/GES



Jovens dão um show de talentos

Música, dança, teatro, cultura digital, vídeo, arte urbana, invernada gaúcha, enfim, a Mostra de Oficinas Culturais de São Leopoldo reuniu, no Teatro Municipal (foto), dezenas de jovens que mostraram os seus talentos em projetos como Pontão da Cultura e PAC Arroio Kruse, que atendem 300 jovens na cidade. **Final**



NATALINO

Nesta edição

Polêmica

Mesmo após mudanças, crise no canil. **Página 9**

Clima

Temperatura pode chegar a 40 graus. **Páginas 2 e 7**

Natação

Cielo é o mais rápido das piscinas. **Central**

Futebol

Sai hoje o campeão do mundo. **Central**

Carlos Félix/GES-Especial



Tonelada de carinho e alimentos em São Leopoldo

Doações feitas no show do Tholl para o projeto Meia Tonelada de Carinho foram entregues ontem em quatro entidades leopoldenses (na foto a entrega na Cootreducin). **Página 25**

Oficina: Políticas Públicas Culturais. Diálogos entre a Arte-educação com o Campo Popular

Relatos de experiências:

Oficinas Culturais do PAC Arroio Kruse: **Dedy Ricardo**
Coordenadora da Ação Cultural PAC Arroio Kruse

Oficinas da Descentralização da Cultura: **Ismael Mendonça**
Coordenador da Descentralização na SMC SL

Oficinas Escola Aberta: **Marinês do Carmo de Pariz da Silva**
Supervisora do Programa pela SMED SL

Pesquisa sobre a relação entre as oficinas de arte-educação
do PAC e o campo popular: **Marcelo Azevedo**
Mestrando em Educação na linha TRANSE - Trabalho, Movimentos
Sociais e Educação da UFRGS

Dia 29 de janeiro de 2010 - 15h
Espaço Margarida Alves - Praça 20 de Setembro - SL

Realização:



Após Mostra Cultural das Oficinas

